

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Natália de Freitas Carlos

Nº USP 8577590

Trabalho de Graduação Individual II

**O cotidiano da mulher brasileira convertida ao Islã em São
Paulo entre os anos de 2007 e 2017**

São Paulo
Junho de 2018

Natália de Freitas Carlos

**O COTIDIANO DA MULHER BRASILEIRA CONVERTIDA AO ISLÃ EM
SÃO PAULO ENTRE OS ANOS DE 2007 E 2017**

Trabalho de Graduação Individual II (TGI II) apresentado
no Departamento de Geografia, Faculdade de Letras,
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo.

Profº Dr. Luis Antonio Bittar Venturi

SÃO PAULO

2018

NATÁLIA DE FREITAS CARLOS

**O COTIDIANO DA MULHER BRASILEIRA CONVERTIDA AO ISLÃ EM SÃO
PAULO ENTRE OS ANOS DE 2007 E 2017**

Trabalho de Graduação Individual II (TGI II) apresentado
no Departamento de Geografia, Faculdade de Letras,
Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo.

São Paulo, _____ de _____ de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Profº Dr. Luis Antonio Bittar Venturi
(Orientador)

Profª Mônica Peralli Broti
(Professora examinadora)

Profº. Dr. Paulo Daniel Elias Farah
(Professor examinador)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, bem como o título de geógrafa que a mim será concebido à minha mãe Silvia Noemi de Freitas, por todo o amor incondicional, à meu tio-pai Salvatore Sidoti (*in memoriam*) por ter sido o único da família a me apoiar na decisão de estudar Geografia, por compartilhar seus conhecimentos e por ser sempre presente e a meus avós Maria de Lourdes Scarpari de Freitas (*in memoriam*) e Ovídio de Freitas (*in memoriam*) por terem me ensinado tanto de Geografia durante a minha infância sem saberem disso, por se sacrificarem em nome dos filhos e netos e por terem hoje a quinta e última neta formada no ensino superior.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Profº Luis Venturi por ter aceitado ser meu orientador neste trabalho, por todo o tempo e dedicação às correções desde a fase do projeto até a conclusão da pesquisa. Ao Profº Paulo Farah por ser sempre tão presente e me suportar durante um ano como sua aluna de árabe, com questionamentos e desesperos infindáveis, por toda a paciência, dedicação, compartilhamento de saberes e inspiração. Agradeço por me orientar também neste trabalho, ainda que não fosse da Geografia, sempre com respeito e humildade, além de me incentivar quase que semanalmente a seguir escrevendo. À Profª Mônica Broti por ter sido tão presente e me ajudado tanto ao longo deste percurso, por ter compartilhado comigo sua dissertação de mestrado, ter me ajudado a encontrar as entrevistadas, por todas as conversas, apoio, solidariedade e principalmente pela amizade.

Agradeço imensamente às oito mulheres entrevistadas para a realização deste trabalho: Aisha Mohamad, Aline Amina, Blenda Khadija, Roberta, Yara, Célia, Naina e Gisele, por aceitarem responder as minhas perguntas, compartilhando informações e testemunhos tão pessoais de suas vidas; sem vocês essa pesquisa teria sido inviabilizada. Obrigada por me receberem em suas casas, me incluírem nos encontros para muçulmanas, desviarem suas rotinas para poder me receber e contribuir para essa produção. Este trabalho é sobre vocês e para vocês.

Agradeço às minhas amigas Amanda, Fernanda e Julliane, por aturarem os meus desesperos e angústias e sempre me incentivarem a continuar, constantemente me lembrando que o final estava próximo.

Agradeço em especial ao meu amigo Moataz, que abriu as portas do Islã para mim, me apresentando a religião com detalhes, sempre tão atencioso e paciente para responder as minhas infindáveis perguntas. Por ter buscado respostas para os meus questionamentos quando não sabia como responder, por ter me abrigado em sua casa com a sua família durante a minha viagem ao Egito, por me levar a tantas mesquitas, por me ensinar a fazer as orações e compreender o que é ser muçulmano.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o cotidiano das mulheres brasileiras que se converteram ao Islã entre os anos de 2007 e 2017, que vivem em São Paulo e, portanto, ocupa-se em compreender como a religiosidade das entrevistadas influencia diretamente na sua vida diária. Utilizamos o método indutivo através de entrevistas semi dirigidas e as mesmas foram analisadas de acordo com as bases da academia para um estudo qualitativo. Os resultados apresentados são baseados em três variáveis principais: o uso do *hijab*, os círculos sociais e a vivência dessas mulheres nos espaços públicos e na sociedade brasileira como um todo. Para analisar as respostas das entrevistadas foram utilizados autores das áreas de geografia, filosofia, sociologia e antropologia. Considera-se que a mulher brasileira que se converte ao Islã se ressignifica identitariamente através dos novos valores religiosos que permeiam o seu cotidiano, tendo portanto a religião como pano de fundo destas relações estabelecidas e suas dinâmicas.

Palavras-chave: Islã, conversão religiosa, cotidiano, *hijab*, identidade, muçulmana.

ABSTRACT

This research aims to analyze the daily life of Brazilian women who converted to Islam between the years of 2007 and 2017, who live in São Paulo and, therefore, aims to understand how their religiosity directly influences their daily lives. We used the inductive method through semi-guided interviews and they were analyzed according to the academic bases for a qualitative study. The results presented are based on three main variables: the use of *hijab*, social circles and the experience of these women in public spaces and in Brazilian society in general. To analyze respondents' answers in the interviews, authors of the areas of geography, philosophy, sociology and anthropology were used. It is considered that a Brazilian woman who converts to Islam redefine her identity through the new religious values that permeate her daily life, thus having religion as the background of these relations and their dynamics.

Keywords: Islam, religious conversion, daily life, *hijab*, identity, muslim.

Sumário

1.Introdução, justificativa e objetivos	9
1.1 Introdução.....	9
1.2 Justificativa	13
1.3 Objetivo Geral.....	13
1.4 Objetivos Específicos	14
2. Base Conceitual	14
3. Procedimentos metodológicos e técnicas	16
3.1 Procedimentos metodológicos.....	16
3.2 Procedimentos técnico-operacionais	16
3.2.1. – O preparo e realização das entrevistas	16
3.2.2 A escolha das entrevistadas e seus perfis	18
4. O Islã no Brasil.....	19
4.1 O Islã trazido pelos escravos.....	19
4.2 O Islã imigrante	21
4.3 O Islã de conversão.....	25
5. A arabização no Islã e a mulher convertida	27
6. Discussão dos Resultados	30
6.1 O uso da vestimenta islâmica: 1ª variável	30
6.2 Os círculos sociais: 2ª variável	36
6.2.1 A família e os cônjuges	36
6.2.2 Os amigos	39
6.2.3 O trabalho	40
6.3 A relação com o espaço público: 3ª variável	41
6.3.1 O transporte público	42
6.3.2 As relações com a sociedade.....	44

6.4 Outras questões relevantes.....	47
7. Um paralelo com os migrantes de Milton Santos	48
8. Considerações finais.....	50
Referências Bibliográficas	
Apêndices	

1.Introdução, justificativa e objetivos

1.1 Introdução

Para a realização desta pesquisa partimos da importância dos números crescentes de muçulmanos no mundo e principalmente no Brasil. Em uma pesquisa realizada no ano de 2009 por *Pew Research Center's Forum*¹ sobre religião e vida pública, estimou-se que o número de adeptos ao Islã no mundo chegava a 1,57 bilhões, representando assim, cerca de 25% da população mundial e no Brasil, de acordo com o censo realizado pelo IBGE no ano de 2000, 27.239 cidadãos brasileiros se declaravam como muçulmanos (maior concentração na região Sudeste com 13.953 adeptos), com destaque à cidade de São Paulo com 12.062 pessoas. Já o censo de 2010 realizado pelo mesmo instituto nos mostrou um aumento de 29,1% na população muçulmana no Brasil, com um número de adeptos ao Islã de 35.167 (RIBEIRO², 2012). Vale ressaltar que os estudiosos e religiosos estimam que esse número seja na verdade muito maior dada a maneira como a conversão³ é feita (em “cerimônias” pequenas e íntimas em mesquitas e até mesmo online) e, no caso das mulheres, este dado é ainda mais difícil de ser medido, pois as mesmas não são obrigadas a participar das rezas às sextas-feiras nos templos. Portanto, apesar de os números mencionados já serem expressivos, há a necessidade de considerarmos que o fenômeno vai muito além disso.

Esses números nos chamam a atenção ao considerarmos que, apesar de a mídia internacional falar dos muçulmanos quase sempre com uma conotação negativa, (MARQUES, 2007), os números de seguidores seguem aumentando em todo o mundo, e por isso há um esforço conjunto de cientistas de diversas áreas e também da comunidade religiosa em entender as possíveis razões para que este grupo siga crescendo. De acordo com líderes religiosos, o fenômeno da expansão do Islã deve-se principalmente ao número de conversões realizadas nos últimos anos

¹ www.pewforum.org

² Lidice Meyer Pinto Ribeiro é Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, docente do programa de Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

³ Utilizaremos o conceito de conversão em vez de “reversão” que utilizam alguns autores ao tratar deste fenômeno, pois acreditamos que ao nomeá-lo com a palavra reversão, assume-se uma posição religiosa, uma vez que o Islã entende que todo ser humano nasce muçulmano e ao fazer a sua *Shahadah* ele apenas retorna à sua religião original.

(RIBEIRO, 2012) e, por isso, faz-se importante uma observação dessa nova parcela da sociedade brasileira.

De acordo com Ribeiro (2012), o Islã passou por três diferentes fases de implementação no território brasileiro, sendo elas: de escravidão (século XVIII), de imigração (pós primeira-guerra) e de conversão (iniciada ao final do século XX). Observações de campo em pesquisas anteriormente realizadas concluíram que cerca de 70% dos convertidos frequentadores das mesquitas no Brasil são mulheres, que a maior parte dos convertidos está entre os 20 e 40 anos de idade, e que a maioria chega às mesquitas ou centros islâmicos motivados pela curiosidade, seja ela pela cultura árabe ou religião e, ao chegar a estes locais, depara-se com grande oferta de literatura em português oferecida gratuitamente, além de cursos e demais aparatos que os ajuda nessa fase de descobrimento e dúvidas, facilitando assim o processo de conversão (RIBEIRO, 2012). Essa “facilidade à informação” deve-se à *dawah*, termo islâmico que se refere a um dos princípios da religião: o convite à não-muçulmanos a conhecer o Islã, ou seja, a sua divulgação. Ainda sobre as mulheres, cabe-nos destacar que a maioria chega ao Islã solteira ou já casadas (RIBEIRO, 2012), desfazendo o mito de que as jovens brasileiras se tornam muçulmanas apenas porque estão em busca de um homem árabe muçulmano (FERREIRA, 2009).

Relatos encontrados nos trabalhos anteriores nos mostram o quanto a conversão pode modificar a vida do indivíduo, alterando parcial ou totalmente a sua identidade, como vemos no seguinte trecho:

[...] Assim, é comum ver revertidos brasileiros assumirem nomes como Mohamed, Ibrahim, Abdul e, no caso de mulheres, Khadeejah ou Aisha (nomes de esposas de Mohamed). Por outro lado, existem aqueles que preferem manter o nome original de batismo para demonstrar que a religião não exige este tipo de mudança, mas, sim, de atitudes. (RIBEIRO, 2012, p. 126)

Para que possamos iniciar uma discussão sobre identidade – conceito amplamente discutido na academia, inclusive na Geografia Cultural e Comportamental – tomamos por princípio as considerações de Zygmund Bauman⁴, que nos diz que pertencimento e identidade são fatores que estão em constante mutação, já que o

⁴ Sociólogo e filósofo polonês.

indivíduo está a todo momento tentando ajustar-se às novas mudanças do mundo (também em mutação) e, para isso, toma decisões, escolhe os caminhos a serem percorridos e na busca e construção de sua identidade, cada um de nós luta para se juntar e se enquadrar a grupos (BAUMAN, 2005).

A ideia de uma reconstrução identitária dentro do Islã – e de sua importância no que diz respeito às modificações na vida de um convertido - vem a partir do momento que passamos a observar o Islã e seus pilares⁵ e como uma pessoa após se converter resignifica a si mesma, às suas condutas pessoais e profissionais, como o seu círculo de convívio é alterado, como são geradas tensões familiares e demais fatores que podem ser observados. Sobre isso, Ferreira (2009⁶) diz:

Essa reinterpretação à vida pode ser observada em campo com mudança de comportamento, de vestimenta e até mesmo de convívio social, no qual há pouco espaço para antigos amigos, a não ser aqueles que respeitam a opção religiosa desse novo adepto, assim como a própria família, que muitas vezes não aprova a adoção da nova religião. (FERREIRA, 2009, p.20)

Ou seja, podemos observar claramente que a conversão ao Islã leva o indivíduo a uma série de adaptações e mudanças no seu entorno e a religiosidade vai muito além das quatro paredes de suas casas, ir à mesquita às sextas-feiras⁷ e fazer as orações diárias. Escolher ser muçulmano significa – também - ressignificar-se social e comportamentalmente. Tendo isso em conta, este trabalho propõe-se a descrever as alterações causadas ou influenciadas pela nova religião no cotidiano das mulheres entrevistadas.

Para que essa reflexão seja concebida de maneira completa faz-se necessário um resgate sociológico referente aos processos de conversão em si e no advento dessa “identidade religiosa”, isto é, aspectos antropológicos e etnográficos do que acontece a partir da decisão de ser muçulmano(a). Para muitos autores⁸ converter-se ao Islã significa também uma ruptura étnico-cultural, uma vez que o Islã é uma religião

⁵ O Islã possui cinco pilares básicos: a *Shahadah* ou confirmação da fé (feita no momento da conversão); as cinco orações diárias (*Salat*); o *zakat*, que consiste na doação de 2,5% dos recursos acumulados durante um ano; jejum no mês do *Ramadan* e o *Hajj*, que é a peregrinação à Meca obrigatória (ao menos uma vez na vida) para todo muçulmano que tenha condições de fazê-la.

⁶ Francirossy Campos Barbosa Ferreira é doutora em antropologia e professora da Universidade de São Paulo (USP)

⁷ Os muçulmanos se reúnem às sextas-feiras nas mesquitas para a realização da *Salat al Juma'* – traduzida como oração da sexta-feira.

⁸ Ver FERREIRA (2009), MARQUES (2007), MARQUES (2000) e LIMA (2016).

“originalmente árabe”, que chegou ao Brasil com os muçulmanos de nascimento⁹ (FERREIRA, 2009). Em seu texto¹⁰, Marques nos traz a ideia de que geralmente as migrações e conversões entre diferentes religiões não são radicais (pois não pressupõe modificações profundas nos cotidianos de seus seguidores), mas que ao olhar para o Islã essa característica se perde, já que há uma maior doutrina e busca por morais e ética (RIBEIRO, 2012), como disse:

[...] conversão como radical reorganização da identidade, pensamento e vida, assim como da descontinuidade de crença e visão de mundo, rejeição de modo de vida anterior e adesão a um outro modo de vida. (MARQUES, 2007, p. 4).

Sob a luz do que nos diz Bauman sobre a identidade e pertencimento e de suas considerações sobre a comunidade representar o porto seguro do indivíduo, cabe ressaltar que, no caso dos convertidos ao Islã no Brasil, observamos já, em outros trabalhos realizados com a comunidade muçulmana em São Paulo e região metropolitana¹¹, que, ao mesmo tempo em que observamos uma segurança relacionada ao “fazer parte de um grupo” (no caso uma comunidade islâmica em escala mundial), há uma sensação de desconforto e não-pertencimento à comunidade árabe¹² (que em muitos momentos confunde a religião com sua cultura) (MARQUES, 2007).

Portanto, coube à pesquisadora neste trabalho a tarefa de percorrer esses espaços religiosos islâmicos e conhecer os cotidianos destas mulheres que se converteram ao Islã nos últimos dez anos e, através de suas características e aspectos antropológicos e sociais, tecer uma relação geográfica da religiosidade e suas implicações práticas em São Paulo quanto aos espaços que ocupam, posições sociais e profissionais, deslocamentos e demais fatores de interesse.

⁹ Em seu artigo, Ferreira nomeia os muçulmanos nascidos em famílias árabes muçulmanas como “muçulmanos de nascimento” ou “nascidos muçulmanos”.

¹⁰ Conversão ao Islã no Brasil, 2007

¹¹ Ver FERREIRA (2009) e MARQUES (2007).

¹² Existem alguns trabalhos acadêmicos que se ocupam da descrição sobre os problemas enfrentados pelos brasileiros convertidos dentro da comunidade árabe muçulmana, e o chamado “Islã brasileiro” ou “Islã do Brasil”, aqui nesta pesquisa, porém, não entraremos em tal discussão – apenas mencionaremos sua existência de maneira breve e superficial – pois não faz parte do nosso objetivo principal.

1.2 Justificativa

A pesquisa foi realizada visando contribuir para os estudos de Geografia Cultural e Comportamental (dialogando com a sociologia e antropologia), uma vez que se ocupou em retratar e descrever cotidianos relacionados à religião islâmica, trazendo à tona fatores identitários ao analisar mulheres brasileiras que se convertem à uma religião que realiza todos os seus rituais em outro idioma (árabe) e que abarca em si e na sua prática uma carga cultural do mundo árabe de maneira geral.

Tal estudo se faz importante pois pudemos acompanhar nos últimos anos um crescimento significativo da população muçulmana em São Paulo (vide dados apresentados no segundo parágrafo da introdução deste trabalho), e no Brasil como um todo, e há, todavia, misticismo e desconhecimento por parte dos cidadãos brasileiros no que se refere ao Islã. Portanto se faz relevante uma pesquisa que olhe para este fenômeno “no sentido contrário”, ou seja, sob a perspectiva da brasileira que decidiu converter-se e que por vezes é tratada como estrangeira em seu próprio local de nascimento.

Há trabalhos que estudam a mulher muçulmana de maneira geral, ou a brasileira que se converte ao Islã, como FERREIRA (2009 e 2010), RIBEIRO (2012), mas o presente estudo se faz considerável pois considera a religião como fator que influencia, molda e modifica a relação que se estabelece entre o indivíduo (religioso) e o local onde vive, neste caso, São Paulo, justificando ou muitas vezes determinando quais serão os lugares frequentados ou não por este grupo de pessoas, como elas chegam até eles e quais as relações que ali se estabelecem.

Portanto, este trabalho de conclusão de curso se justifica por seu ineditismo e contribuições acadêmicas no nicho da geografia cultural, comportamental, sociologia e antropologia.

1.3 Objetivo Geral

O objetivo desta pesquisa é identificar e analisar as alterações no cotidiano da mulher brasileira convertida ao Islã em São Paulo entre os anos de 2007 e 2017.

1.4 Objetivos Específicos

a. Analisar as alterações nos cotidianos destas mulheres, levando em consideração o uso da vestimenta islâmica, principalmente o *hijab*¹³, alterações em seus círculos sociais (amigos, familiares e cônjuges) e mudanças na sua relação com o espaço público.

2. Base Conceitual

Para que pudéssemos trabalhar com o cotidiano das mulheres brasileiras convertidas ao Islã, além de buscar referências antropológicas e etnográficas no que se refere à religião, fez-se necessária também a reflexão e definição do que é cotidiano e quais variáveis iríamos utilizar na construção deste trabalho.

De início vale mencionar que o cotidiano se dá na relação do homem (indivíduo) com o seu espaço e entorno, ou seja, é sobre este “terreno” que produzimos as nossas vidas diárias, sempre de maneira dinâmica e interagindo com amplos contextos, não apenas aqueles vividos por cada um de maneira individual. Como disse Santos:

Os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares. (2000a, p.112)

Ou seja, cada mulher na sua individualidade produz o seu cotidiano no espaço (cidade de São Paulo), mas todas estão conectadas por fazerem parte de um mesmo grupo religioso e habitarem o mesmo local (sendo assim, são também parte do global).

A Geografia torna-se próxima dos indivíduos ao passo que resgatamos onde estão as pessoas que estudaremos e as relações – tanto sociais como espaciais - que estabelecem com o seu entorno e, para tanto, tomamos a definição de cotidiano como uma palavra que vem do latim *cotidie* ou *cotidianus* e significa todos os dias, o diário, o dia-a-dia, o comum, o habitual (GUIMARÃES, 2002). Sobre isso, Guimarães diz:

¹³ Véu islâmico.

[...] quando nos referimos ao cotidiano, estamos falando sob o prisma da representação social do dia-a-dia, ou seja, falar em cotidiano num primeiro momento nos leva a pensar diretamente em ações que dizem respeito a nossas rotinas, a tudo que se realiza empiricamente, repetidamente, é o viver o dia-a-dia de uma forma quase que banal. (2002, pág. 11)

Heller (1987) nos traz a ideia de que a vida cotidiana é a constituição e reprodução dos indivíduos (e da sociedade) através das objetivações, que pressupõe exatamente uma ação do homem sob o objeto, que o transforma para seu uso e benefício e, ao retomarmos Bauman, já mencionado anteriormente, sabemos que vivemos em uma realidade em constante mutação, e que há, portanto, uma necessidade de o indivíduo se enquadrar continuamente e construir sua identidade neste novo ambiente afim de identificar-se com o mesmo, ou seja, tudo o que está em processo de modificação contínua pode ser objetivado pelo homem tornando-se portanto parte da sua vida cotidiana.

Uma vez tendo a religiosidade como fator transformador de cotidianos dentro desta pesquisa realizamos uma vasta leitura e observação de campo sobre o Islã, seus pilares e conceitos, pois, como já dito anteriormente, trata-se de uma religião composta por um “código de ética” que rege a vida de seus adeptos e, portanto, modifica parte de seus costumes e cotidiano. A partir disto foram definidas quais variáveis seriam analisadas neste trabalho referentes às vidas diárias das mulheres brasileiras convertidas ao Islã na cidade de São Paulo: vestimenta, círculo social, e suas relações com o espaço público.

Ainda usando Milton Santos, faz-se um paralelo com os migrantes descritos por ele no subcapítulo chamado “Os migrantes no lugar: da memória à descoberta”¹⁴, considerando as mulheres que foram entrevistadas para essa pesquisa como migrantes dentro de seu próprio espaço. São migrantes religiosas que reconstroem sua identidade a partir do novo meio no qual estão inseridas, onde seus valores e concepções prévias já não têm mais utilidade para entender o mundo (a nova cidade, no texto de Milton).

¹⁴ Apresentado no capítulo Lugar e Cotidiano, no livro A natureza do espaço, 2006.

3. Procedimentos metodológicos e técnicas

3.1 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa foi realizada através do método indutivo, uma vez que a pesquisadora utilizou resultados de entrevistas com uma amostra do grupo de mulheres brasileiras que se converteram ao Islã, para compreender este fenômeno em uma escala maior – de toda a cidade de São Paulo e arredores.

Uma vez que o intuito da pesquisa era analisar o cotidiano dessas mulheres dentro do recorte de uma localidade pré-determinada, foi importante considerarmos amostragens de diferentes pontos dentro da mesma cidade (visitando diferentes mesquitas e preocupando-se sempre com o local onde a entrevistada mora), sem nunca esgotar o número de entrevistadas – nem dentro de um mesmo templo religioso, nem na totalidade de São Paulo, pois buscávamos a compreensão de um fenômeno, que se deu por meio de um salto indutivo a partir das análises dos resultados das entrevistas realizadas.

Além disso, é importante considerar que a pesquisa se realizou também levando em conta as bases da academia para um estudo qualitativo, e não quantitativo, em que o número de entrevistas feitas não é fator determinante na análise do resultado final.

3.2 Procedimentos técnico-operacionais

Para que pudéssemos analisar o cotidiano das mulheres brasileiras convertidas ao Islã em São Paulo, foram realizadas entrevistas semi dirigidas com elas dentro de mesquitas e centros islâmicos em diferentes pontos da cidade, bem como religiosas que não os frequentam por razões diversas.

3.2.1. – O preparo e realização das entrevistas

Para que as entrevistas fossem realizadas fez-se necessária a elaboração prévia de um roteiro¹⁵ de perguntas semiabertas considerando as instruções presentes no capítulo “Técnicas de Interlocução”, do livro Geografia – práticas de campo, laboratório e sala de aula, escrito por Luis Venturi, professor da FFLCH – USP e orientador deste TGI.

Para que as questões pudessem ser definidas tivemos em conta os nossos objetivos (já mencionados anteriormente) e buscamos, através das perguntas, analisar as variáveis que havíamos proposto: o uso do *hijab*, alterações nos círculos sociais das entrevistadas e sua relação com o espaço público. Através dos depoimentos obtidos pudemos confirmar algumas impressões prévias – durante as visitas às mesquitas e centros islâmicos que se deram ao longo de ao menos um ano e meio anteriores à realização deste trabalho final – e também pudemos perceber novos contextos e situações que inicialmente não faziam parte dos objetivos.

A técnica de entrevistas faz-se imprescindível neste TGI pois buscamos uma análise qualitativa do fenômeno e, portanto, as informações coletadas através dos encontros com essas mulheres não poderiam ter sido obtidas em nenhuma outra fonte. As perguntas semi estruturadas são uma forma objetiva e também subjetiva de análise, pois ao mesmo tempo que apresenta certa flexibilidade – uma vez que a entrevistada pode percorrer suas memórias e trajetórias pessoais ao responder – são parte de uma única temática e buscam ir ao encontro dos objetivos traçados pela entrevistadora (VENTURI, L. A. B., 2011).

Uma vez tendo o roteiro das entrevistas pronto, fez-se o contato com as entrevistadas a fim de agendarmos um local e horário onde elas pudessem encontrar a pesquisadora para saber mais sobre o trabalho que estava sendo desenvolvido, bem como tomar conhecimento do conteúdo das perguntas que iriam responder.

Nos encontros fez-se uso de um caderno e caneta para anotação de informações mais relevantes (sob autorização das mulheres), bem como de um gravador de áudio para que tudo pudesse ser devidamente registrado para as análises posteriores. Todas as entrevistas foram realizadas *in loco*, pois acreditamos que dessa forma estávamos mais próximos das entrevistadas, fazendo com que fosse possível um contato de maior relevância e maior percepção de fatores não

¹⁵ O roteiro completo pode ser lido na seção de apêndices deste mesmo trabalho.

necessariamente verbalizados nas respostas, como por exemplo os olhos marejados de uma das entrevistadas enquanto narrava seus conflitos familiares pós-conversão.

3.2.2 A escolha das entrevistadas e seus perfis

Sabemos da importância de uma amostra significativa e relevante à discussão ao propormos uma análise qualitativa para determinado fenômeno e para que as mulheres fossem selecionadas para essa entrevista foram pensadas algumas questões: elas deveriam viver em lugares diferentes da cidade (diversos cotidianos), ter graus de escolaridade distintos e, quanto à quantidade, foi considerado um número satisfatório para demonstrar os fenômenos que estavam sendo observados, além da viabilizar o término do trabalho no período de um semestre.

Essa pré-seleção das entrevistadas foi feita visando ter uma amostra diversificada de mulheres brasileiras que se converteram ao Islã entre 2007 e 2017, visto que elas estão em locais diferentes, têm diversas profissões e cotidianos e, portanto, se relacionam com a cidade e com a sociedade de formas distintas.

Foram entrevistadas oito mulheres para a realização deste trabalho, todas em entrevistas pré-combinadas e em locais apropriados. Abaixo um quadro com o perfil de cada uma das mulheres escolhidas (baseado em BROTI, 2017 p.120):

Nome	Idade	Estado Civil	Profissão	Onde mora	Tempo de conversão
Aisha Mohammad	42	Casada	Diarista/Cuidadora	Jaçanã	6 anos
Aline Aminah	42	Casada	Doutora em Psicanálise	Franco da Rocha	5 anos
Blenda Khadijah	19	Solteira	Estudante	Cotia/Guarulhos	2 anos
Célia	60	Divorciada	Funcionária Pública	Santana de Parnaíba	4 anos
Gisele	43	Solteira	Musicista	Santana	9 anos
Naina	24	Solteira	Professora	Jd. Marajoara	6 anos
Roberta	30	Casada	Dona de Casa	Brás	3 anos
Yara	40	Casada	Advogada	Cotia	4 anos

É importante salientar que todas estas mulheres autorizaram a publicação de suas entrevistas no presente trabalho. Algumas quiseram ser identificadas pelos seus nomes e outras preferiram escolher um nome fictício.

Julgamos que não se fez necessária a transcrição das entrevistas na sua integralidade, pois alongariam este trabalho com conteúdo que não dizem respeito aos objetivos que aqui foram traçados, portanto serão apresentados excertos destes diálogos, seguidos de comentários e análises.

4. O Islã no Brasil

Para que possamos compreender a atual situação das mulheres convertidas ao Islã é necessário que façamos uma breve reflexão sobre a chegada da religião ao nosso país e o seu grande crescimento nos últimos anos, que se deu em três etapas: o Islã de escravidão, quando escravos africanos islamizados chegaram aqui, no século XVIII; o Islã de imigração, trazido pelos povos árabes que imigraram no período pós primeira guerra mundial (sobretudo sírios e libaneses) e, por último, o Islã de conversão, fenômeno que vem acontecendo desde o final do século XX (RIBEIRO, 2012, p.108).

4.1 O Islã trazido pelos escravos

A religião islâmica chegou ao continente africano no século VII com a dominação de povos árabes na região que, através dos califas, introduziram a crença islâmica, bem como práticas da cultura árabe, criando o Islã negro¹⁶ e mouro, e até os dias atuais é a principal religião na região (sobretudo no norte da África); em XVII os prisioneiros de guerras políticas e religiosas, (todos com fatores em comum: a cor da pele e a religião que seguiam) foram vendidos para os traficantes de escravos e enviados ao Brasil, principalmente à Bahia, onde então viemos a conhecer os nossos “primeiros muçulmanos”. Estes escravos passaram a ser conhecidos através do termo *malê*¹⁷.

Essa parcela dos escravos chegados ao Brasil era diferenciada dos outros pelo fato de terem domínio da língua falada e escrita e à diferença dos “não-*malês*”, foram

¹⁶ Termo usado pela autora Fawzia Oliveira B. Cunha, em sua dissertação de mestrado (vide referências).

¹⁷ A etimologia do termo *malê* é discutida por Farah (ver *Deleite do Estrangeiro em Tudo o que é Espantoso e Maravilhoso: estudo de um relato bagdali*), segundo o qual o termo significa mestre, pelo árabe mu'alem (mestre ou professor), ou pelo iorubá *imalê*, via o árabe.

designados a trabalhos urbanos (sobretudo o comércio) e possuíam salários. (FREYRE, 1980, p. 299). Esta realidade permitiu que muitos deles viessem a comprar a sua alforria e se tornassem pequenos comerciantes locais, o que lhes permitia não apenas permear espaços proibidos aos outros escravos, mas também a ter o seu próprio local para exercer as práticas de sua crença religiosa (RIBEIRO, 2012, p.111). Porém não podemos esquecer de que àquela época, o Brasil era uma colônia portuguesa, fortemente católica, e por isso havia uma forte repressão religiosa (nem sempre declarada) aos *malês*, que às margens da coroa portuguesa passaram a construir escolas e casas de oração (FREYRE, 1980, p.306) afastadas da população.

A partir deste momento podemos observar a criação de um grupo de muçulmanos no Brasil que passa a ser organizado e coeso, como vemos em:

Com o estudo do Alcorão, ainda que escondido das autoridades públicas, o islamismo foi criando um grupo coeso, unificado pela crença em comum, mas também pelas mazelas sofridas longe de sua pátria natal. Este grupo de negros muçulmanos comunicava-se entre si em árabe, dominando a língua escrita e falada. Podemos perceber, desse modo, que o Islã foi um fator de coesão grupal e de formação de identidade entre os negros. (RIBEIRO, 2012, p.111)

Esta organização e união possibilitou a realização de diversos levantes na Bahia, quase sempre realizados em dias festivos (pois os senhores tinham suas atenções voltadas às celebrações cristãs) e com líderes e integrantes muçulmanos, que levavam consigo textos e amuletos com escritos em língua árabe, além de vestirem roupas brancas típicas de sua religião. Estas revoltas eram detalhadamente maquinadas e com um propósito claro e objetivo: a tomada de poder político e religioso. (RIBEIRO, 2012, p. 112).

A revolta com maior destaque foi a de 1835, conhecida como Levante do Malê (CUNHA, 2006) realizada na Bahia, que falhou e resultou em prisões de escravos e forte perseguição aos *malês*, o que fez com que os que eram livres, forçadamente fossem para o Rio de Janeiro, cessando portanto os episódios de revoltas islâmicas na Bahia, mas deixando viva a religião e sua prática em outros locais do Brasil. Nos registros do diário do imã Al'Baghdadi, escrito entre 1866 e 1869¹⁸, encontramos

¹⁸ Traduzido por Paulo Farah e publicado pela BIBLIASPA.

evidências de comunidades muçulmanas organizadas no Rio de Janeiro, Salvador e Recife, e ainda uma quantidade aproximada de adeptos ao Islã no Brasil: 5 mil em sua chegada e 19 mil ao se despedir, em 1969, números que para a autora Lidice Ribeiro parecem exagerados, mas que comprovam a existência destes grupos no final do século XIX.

Autores como João do Rio, Arthur Ramos, Gilberto Freyre, Pierre Verger, Abelardo Duarte e Waldemar Valente (RIBEIRO, 2002, pág. 114) se desdobraram em seus trabalhos, a estudar como este Islã dos escravos africanos se “diluiu” ou se associou a outras religiões africanas, catolicismo e também ao protestantismo ao longo dos anos e, apesar de que após a abolição da escravidão, em 1888, houvesse mais liberdade de práticas religiosas não católicas, estes grupos coesos e organizados dos muçulmanos não deixaram mais rastros e evidências de sua existência, formando, portanto, uma lacuna temporal entre esta primeira “geração muçulmana” no Brasil e a segunda, que é a que chegou ao Brasil depois da primeira guerra mundial. (RIBEIRO, 2012, p. 117).

4.2 O Islã imigrante

Ao longo de sua história o Brasil representou e representa um berço de acolhimento a imigrantes de diversos lugares do mundo, e uma das presenças mais marcantes na nossa sociedade é certamente a comunidade árabe, que chegou em várias leva imigrantes, por distintas motivações, provenientes de diferentes lugares e com trajetórias variadas entre si.

Podemos apontar a primeira leva como sendo a que aqui chegou ao final do século XX, a partir de 1860, que eram imigrantes libaneses, sírios e palestinos do então chamado Império Otomano (RIBEIRO, 2012, p. 118). Estas pessoas chegavam ao Brasil com o passaporte turco e por isso até hoje são comumente chamados de “turcos” pela população brasileira.

As principais motivações desse grupo foram os conflitos comunais no Império Turco-Otomano e necessidades econômicas das populações rurais, juntamente ao fator imperialista (potências europeias como França e Inglaterra passam a expressar claramente seus interesses econômicos e territoriais sobre essas terras, visando seu posicionamento geográfico estratégico entre 3 continentes: Europa, África e Ásia). Os

principais grupos imigrantes nessa fase foram a população cristã que vivia no interior do Monte Líbano, Zahle, Vale do Bekaa e sul do Líbano (GATTAZ, 2012), mas também havia judeus e muçulmanos entre eles (RIBEIRO, 2012).

Eles foram estimulados a vir para o Brasil após uma visita do imperador D. Pedro II ao Líbano, Palestina e Síria (1876), que incentivou os trabalhadores rurais a construírem suas vidas em terras longínquas, fora do Império Otomano. Ao chegar aqui a maioria deles foi trabalhar como mascate e, apesar de encontrarem uma forma de prover por suas famílias, sempre havia a ideia de retornar à terra natal, sonho que, na maioria dos casos, não se concretizou (BAALBAKI, s/d).

A segunda leva de imigrantes árabes chegou ao Brasil durante a segunda guerra mundial, entre os anos de 1918 e 1945, quando se dá o fim do império turco-otomano sobre a chamada Grande Síria e a transição para um domínio francês. Foi um período de grande instabilidade e desconfiança por parte dos cidadãos locais, que passaram das mãos de dominadores culturalmente mais próximos e tolerantes (quanto ao uso do idioma, práticas religiosas e etc.), para o domínio europeu que tinha entre os seus planos a implementação do francês como língua oficial do país (junto ao árabe), e um modelo escolar que visasse a catequização dessa população (GATTAZ, 2012). Os franceses fizeram grandes investimentos no país e viabilizaram a modernização no Líbano (no que se refere à luz elétrica e sistema viário em geral), e a partir disso criou-se uma burguesia urbana cristã, aprofundando as diferenças de classe entre as religiões majoritárias (cristã e islâmica) (OSMAN, 2006), complicando ainda mais a situação das pessoas que vivem no interior do país e longe de todo esse desenvolvimento e grande infraestrutura. Somando-se a isso temos também a questão demográfica, em que uma nova geração de famílias originalmente rurais passa a formar-se em cursos superiores e, ao terminarem os seus cursos, não encontraram empregos “urbanos”. Todos esses fatores fizeram com que muitos libaneses e sírios, nestes vinte anos de intervalo lançassem-se à sorte fronteira afora.

Vendo o sucesso de seus familiares que partiram para as Américas em um momento anterior, criava-se uma ideia de “construção de um novo continente”, onde pudessem atingir padrões sociais e econômicos inimagináveis para aquele Líbano em que viviam (GATTAZ, 2012). Esta ideia está bem expressa no seguinte parágrafo escrito por Oswaldo Truzzi:

Com o sucesso dos pioneiros que rumaram à América, evidenciado ora por suas remessas de dinheiro, ora por um retorno relativamente abonado, uma verdadeira febre se desencadeou nas aldeias. É verdade que o movimento migratório respondia às pressões econômicas, demográficas e políticas anteriormente mencionadas exercidas sobre a população, mas uma série de elementos sugerem que um elemento cultural mais fundamental perpassava a decisão das famílias que enviavam seus filhos. (TRUZZI, Oswaldo, 1993)

Este momento foi de grande expressão pois cristãos e muçulmanos passam a imigrar (ainda que os cristãos ainda sejam maioria) motivados por questões principalmente econômicas e falta de perspectivas de um futuro em um cenário urbano e, além disso, a expectativa da prática da religião islâmica sem o risco de perseguição.

A partir deste momento passa a criar-se uma forte comunidade islâmica no Brasil: “Em 1928 é inaugurada, na avenida do Estado, em São Paulo, SP, a primeira sociedade beneficente muçulmana no Brasil, com 62 pessoas arroladas [...]” (RIBEIRO, 2012, p. 119). Além disso, no ano de 1960 é inaugurada a primeira mesquita do país, no Cambuci, também em São Paulo.

E então, a partir da segunda metade do século XX, dá-se início ao deslocamento do que chamaremos a terceira leva de imigrantes. Há uma instabilidade política e econômica causada pelo pós II Guerra Mundial, que culmina na independência do Líbano, no ano de 1943, sobre isso Samira Osman, em sua tese de doutorado já citada anteriormente diz: “O Líbano tornou-se um país árabe, com os cristãos aceitando o fim da tutela estrangeira e os muçulmanos reconhecendo a soberania libanesa.” (OSMAN, Samira, volume I, 2006, p. 53). As consequências da independência e também do país ser inserido na Liga Árabe em 1945 marcam o início do terceiro fluxo emigratório libanês.

Durante os anos de 1950 e 1960 os muçulmanos representavam a maioria absoluta entre os emigrantes das periferias libanesas (movimentos causados por aumento relativo da população, menor urbanização comparado ao restante do país, envolvimento em conflitos fronteiriços com Síria e Israel). Esses fluxos migratórios não eram caracterizados por perseguições religiosas ou políticas, mas sim por uma motivação e busca por uma vida economicamente melhor, em que mesmo as famílias que não foram diretamente afetadas pelos conflitos e tinham uma boa qualidade de vida, eram motivadas a migrar pela ideia de ter um próprio negócio (GATTAZ, 2012, p.63).

Além dos libaneses, há um quadro de ocupação da Palestina e a dispersão de conflitos diversos no Oriente Médio, que dispararam o número de imigrantes árabes muçulmanos para o Brasil, sempre fortalecendo a comunidade islâmica¹⁹ que já estava presente. Como podemos observar no excerto a seguir:

Por meio de contribuições financeiras da Arábia Saudita, Líbia, Kuwait e Irã, no Brasil já existem 90 instituições islâmicas, 60 mesquitas e 120 salas de oração, distribuídas nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Pernambuco, Paraíba, Bahia, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul com aproximadamente 50 sheikhs ou imãs oriundos, principalmente, da África (Egito, Marrocos e Moçambique). (ULTIMATO, 2012, p.16 *in* RIBEIRO, 2012, p. 120)

A comunidade árabe certamente estabeleceu-se e expandiu-se em território brasileiro, dando origem a milhões de descendentes que hoje somam mais de 8 milhões (RIBEIRO, 2012, p.120). Contudo, há uma preocupação no que diz respeito à manutenção da cultura e práticas religiosas, pois há um crescente número de casamentos inter-religiosos entre muçulmanos e cristãos; porém, em contra partida observamos na fala de um imigrante árabe os dois aspectos: a preocupação com a perda de cultura e religião das novas gerações e também o encantamento dos brasileiros que passam a frequentar as mesquitas, como no depoimento de Mahida Fahad (dado ao jornal *O Globo*) (cf. MOREIRA, 2006 *in* RIBEIRO, 2012) que disse: “Nossos filhos e netos se casaram com cristãos. Os costumes mudaram, não fazem nem jejum no Ramadã. Mas muitos brasileiros gostam de ir à mesquita porque a acham bonita e gostam das nossas orações”. Portanto, observa-se um movimento também de “retorno à religião”²⁰ por aqueles que anteriormente nem sequer faziam parte dela. A partir daqui se dá o que chamamos anteriormente de “o Islã de conversão”.

¹⁹ A comunidade cresce e se organiza de tal forma que no ano de 1970 é realizado o primeiro Congresso Internacional Islâmico dos Muçulmanos do Brasil (RIBEIRO, 2012, p. 120)

²⁰ No Islã acredita-se que todas as pessoas nascem muçulmanas, portanto quando alguém torna-se seguidor da religião através da profissão de fé, diz-se que está retornando à mesma.

4.3 O Islã de conversão

Estima-se que os muçulmanos no Brasil somam um milhão e meio²¹, dos quais muitos não são de origem árabe²² - imigrantes vindos da África subsaariana e brasileiros convertidos – que são, em sua maioria, pessoas provenientes de outras crenças que através da *Shahadah*²³, ou profissão de fé, tornam-se muçulmanos. Como já mencionado na introdução deste trabalho, é difícil mensurar a real quantidade de convertidos – e de seguidores do Islã em geral – pois a conversão pode ser feita de diversas maneiras, quase sempre em uma cerimônia particular, ou até mesmo pela internet.

O “Islã de conversão” é apontado como a última fase de inserção da religião no Brasil, pois teve o seu início ao final do século XX e acontece com frequência nos dias atuais e sobre isso, Ribeiro nos traz dados expressivos:

Em se tratando de islamismo de conversão, alguns dados são relevantes: 85% dos frequentadores das mesquitas no Rio de Janeiro são brasileiros revertidos, sendo que o número destes saltou de 15% em 1997 para 85% em 2009. Em Salvador, a frequência de brasileiros revertidos é de 70% (cf. CARDOSO, 2011, p.63-64). Na região do ABCD, no estado de São Paulo, encontra-se a mesquita de São Bernardo do Campo, com cerca de 400 famílias de libaneses e revertidos (cd. FERREIRA, 2009, p.6) (RIBEIRO, 2012, p. 121-122)

De acordo com o que mencionamos no tópico anterior no relato de Mahida Fahad, observamos um “crescimento duplo” do Islã que parte tanto dos descendentes de árabes que imigraram para o Brasil – em um movimento de retorno - como também no aumento do número de convertidos e estes dois grupos recebem diferentes tratativas nas mesquitas. Em São Paulo há, inclusive, mesquitas que são frequentadas majoritariamente por árabes, imigrantes da África ocidental ou

²¹ Fonte: União Nacional das Entidades Islâmicas (www.uniaoislamica.com.br).

²² Neste trabalho consideramos árabes as pessoas provenientes dos seguintes países: Arábia Saudita, Argélia, Barein, Catar, Egito, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Líbia, Marrocos, Omã, Síria, Tunísia e Palestina.

²³ Ao tornar-se muçulmano o indivíduo deve professar a sua fé e o faz através da frase: “*La ilaha illa Allah, Muhummadur rasoolu Allah*”, que significa “Não existe verdadeiro Deus exceto *Allah* e Mohammad é o mensageiro de *Allah*” (RIBEIRO, 2012).

brasileiros, e essa diferença se dá basicamente através da administração do *sheikh* responsável por uma ou outra mesquita.

Existem mesquitas que se preparam com afinco para receber e manter estes revertidos brasileiros com cursos em português e atividades diversas e atrativas. Outras mesquitas, mais tradicionais, atêm-se à língua árabe e atividades culturais apenas, numa clara etnificação do Islã. (RIBEIRO, 2002, p.122)

No surgimento do Islã, na Península Arábica, um grande número de adeptos surgiu devido à mensagem da religião sobre igualdade e justiça, uma vez que na religião não é correto o acúmulo de riquezas e o muçulmano deve ajudar a sua comunidade, de modo que promova uma sociedade igualitária (BROTI²⁴, 2017, p.68) e o que observamos no Brasil – nesses novos muçulmanos – é uma continuidade deste processo e discurso, visto que as mesquitas são amplamente frequentadas por jovens, principalmente mulheres, muitas vezes pobres e marginalizadas. Para Paulo Farah²⁵ (2010), isto explica o crescimento de adeptos ao Islã nas periferias do Brasil, pois a religião traz em si uma mensagem contra o racismo e injustiças sociais, sendo que entre as virtudes essenciais de um praticante do Islã estão a irmandade e o apoio a uma sociedade justa.

Vemos nestes brasileiros convertidos, muitas vezes, a alteração de seu nome brasileiro para um árabe negando, portanto, a sua identidade “não muçulmana” anterior à conversão; mas, por outro lado, há muitos que permanecem com seus nomes de batismo e afirmam que o Islã se manifesta e será mostrado aos outros através de mudanças comportamentais em seu dia a dia (veremos mais adiante nas entrevistas).

Machado (2010) afirma que muitos dos brasileiros chegam ao Islã por curiosidade sobre o exótico, já que a religião está constantemente na mídia, seja por notícias, novelas ou de qualquer outra forma e, apesar de em muitos casos ser mostrada de maneira equivocada e quase sempre negativa, torna-se também um meio de divulgação e um atrativo aos que lhes são totalmente alheios. Para poder

²⁴ Professora de História e Sociologia no Colégio São Judas e autora da dissertação de mestrado “O encontro entre o feminino brasileiro e o Islã: caminhos e desencontros”, defendida no Mackenzie em 2017.

²⁵ Professor Doutor do Departamento de Letras, da FFLCH, USP.

recepcionar e atender esta demanda – e também desmistificar a má imagem da religião criada pela mídia, sobretudo após o atentado de 11 de setembro (FERREIRA, 2007) - as mesquitas em São Paulo oferecem, além de material de leitura em português, aulas de religião e língua árabe para os convertidos e também para os que estão apenas interessados em entender mais sobre o tema, onde são estimulados a praticar o *dawah*, ou seja, trazer não muçulmanos à mesquita para que também possam conhecer o Islã. São nessas aulas que muitas pessoas acabam por se converter.

Ao analisarmos as diferentes formas de inserção do Islã no Brasil podemos observar que, apesar de ser apenas uma religião, não há uma homogeneização entre seus praticantes – por conta de diferentes origens étnicas, idiomas, culturas – e também por chegarem à religião de diferentes formas e com distintas motivações. Porém, todos se submetem à *Allah* e incorporam às suas vidas diárias os preceitos do Islã e, conseqüentemente, alteram suas identidades e cotidianos, pois segundo RIBEIRO (2012) “é característica do convertido fazer de sua conversão uma entrada numa nova vida, refazendo, assim, suas convicções éticas, seus hábitos sociais e espirituais”.

Este trabalho dedicou-se a observar e descrever o cotidiano das mulheres brasileiras que aderem o Islã como sua religião e conduta comportamental e, portanto, faremos um capítulo sobre a realidade feminina dentro da religião e o que é ressignificado, alterado ou adaptado em suas vidas diárias.

5. A arabização²⁶ no Islã e a mulher convertida

Ao falarmos de Islã cabe-nos mencionar que há um contexto também cultural por trás da religião, uma vez que por muitos que desconhecem a religião e até mesmo por muitos de seus adeptos, é considerada uma “religião árabe”, apesar de a maioria dos muçulmanos estarem na África e na Ásia (sobretudo na Indonésia, Paquistão, Índia e Bangladesh). Por isso, é importante compreender quais são as mudanças encontradas ao analisarmos o que chamaremos de Islã brasileiro²⁷. Há um constante debate – tanto na academia como nas mesquitas e demais centros islâmicos – sobre

²⁶ Vide nota de rodapé número 22 (descrição de quem são os povos árabes considerados neste trabalho).

²⁷ Termo usado por Ferreira (2009), para se referir ao Islã praticado pelos convertidos.

os brasileiros convertidos *versus* os nascidos muçulmanos (proveniente de famílias árabes). Os *sheikhs* insistem que é preciso que os fiéis estudem e conheçam a sua religião, pois alegam que essas tensões se dão por falta de conhecimento dos dois lados: o convertido que não compreende fatores culturais da comunidade e do árabe que não consegue separar a religião de cultura (não conhece a religião em profundidade) (FERREIRA, 2009). No Brasil há, portanto, uma discussão que gira em torno da vinculação (ou não) da religião com a identidade árabe e como isso afeta (positiva ou negativamente) as relações entre os dois grupos, visto que, o convertido passa a ser olhado na comunidade brasileira com olhar de estranhamento (pois a distinção entre religião e nacionalidade/cultura árabe não é feita pela sociedade em geral) e, ao mesmo tempo, é visto sempre como “o brasileiro” dentro das comunidades árabes (MARQUES, 2007), ou seja, o convertido habita o que chamaremos de “limbo identitário”.

Essa tensão é ainda mais intensa quando estamos analisando apenas a porção feminina do Islã. Como já apontamos anteriormente a maioria dos convertidos no Brasil é de mulheres (cerca de 70%) (RIBEIRO, 2012), entre 20 e 40 anos de idade. Apesar de não serem obrigadas a frequentar as mesquitas às sextas-feiras – o que já as afasta da mesquita e da comunidade, de maneira geral (MARIZ; OLIVEIRA, 2014). Quando vão, muitas relataram sentir um olhar hostil das fiéis árabes e um tratamento diferenciado, o que aumenta as suas dificuldades (que já são grandes), uma vez que normalmente estão ali contra a família, ou seja, não possuem nenhum apoio (FERREIA, 2009). O preconceito se dá, muitas vezes, por se acreditar que essas mulheres chegam à religião apenas para se casar com homens árabes, que possuem fama de serem abastados, além de representarem um homem que trata sua mulher com respeito e lhe dá uma sensação de segurança. Ferreira em seu texto²⁸ afirma que essa imagem foi construída após a exibição da novela “O Clone” na rede Globo.

Essa discriminação faz com que os convertidos passem a se unir contra o processo de “arabização” da religião, e é comum que se organizem em grupos de estudos e por fim tornem-se amigos – ponto que foi abordado durante as entrevistas no que diz respeito ao círculo social das mulheres entrevistadas que se alterou após a conversão. Além disso, observamos uma frequente menção à importância da internet no processo de conversão, prática religiosa e também na busca de um

²⁸ Redes Islâmicas em São Paulo: “Nascidos muçulmanos” e “revertidos”, 2009.

companheiro muçulmano. Muitas mulheres não se sentem bem-vindas nas mesquitas e optam por estudar e praticar a sua religião *online* (MARIZ; OLIVEIRA, 2014), meio pelo qual muitas delas inclusive fizeram a sua *Shahadah*.

Apesar deste cenário permeado por tensão e divisões, o número de mulheres convertidas segue aumentando e Marques (2000) aponta algumas razões pelas quais esse fenômeno segue em ascensão: uma não-identificação com nenhuma religião, o estímulo ao estudo no Islã, fatos traumáticos ou problemas familiares e questionamentos sobre a existência de Deus, além de acreditarem que as recompensas são sempre maiores que as dificuldades enfrentadas (MARQUES, 2007) e, por isso, afirma que ao se converter, essa mulher (ou homem) reconstrói sua identidade, passando a fazer parte de um grupo (como descrito anteriormente ao mencionarmos Bauman na introdução deste mesmo trabalho). Ao analisar estes fatores e também o processo de conversão²⁹ Broti (2017) faz uma afirmação que nos desperta extremo interesse, visto que vai ao encontro imediato aos objetivos aqui pretendidos:

O ambiente religioso islâmico consolida-se como importante elemento de mudança na vida das mulheres brasileiras que se agregam à crença da mensagem do Profeta Muhammad e repercute de maneira direta nos aspectos mais pessoais da existência das revertidas. A reversão ao Islam produz transformações, ao prostrarem-se a Deus, prática diária do fiel, as muçulmanas passam a viver uma vida aberta ao divino. Cada ação das revertidas está em consonância com a escritura sagrada do Alcorão e com as tradições do profeta Muhammad. No cotidiano islâmico, as mulheres redefinem também sua visão de mundo. (BROTI, Monica, p.110)³⁰

Tendo sido apresentadas as variáveis que serão analisados neste trabalho, vale mencionar que foram escolhidas através de leituras de trabalhos feitos anteriormente, como o de Broti mencionado acima, também Mariz e Oliveira (2014) que escrevem sobre o “preço” pago pelos novos adeptos ao Islã no que diz respeito à sua convivência com os não-muçulmanos (inclusive familiares e antigos amigos), por romperem com uma ideia de comportamento e conduta amplamente aceita pela nossa

²⁹ Descrito por Marques como: 1- momentos de profunda tensão e insatisfação, 2 – disposição espiritual, 3 – busca religiosa, 4 – oferta religiosa, 5 – estabelecimento de relações afetivas, 6- redução dos contatos externos ao grupo, 7 – interação com outros membros do grupo.

³⁰ Em seu texto, Broti adota o termo “reversão” em vez de “conversão”.

sociedade, além de Ferreira (2009), que descreve a ressignificação identitária pela qual as brasileiras passam ao se converterem.

6. Discussão dos Resultados

Como proposto anteriormente serão analisadas neste trabalho três variáveis principais do cotidiano das mulheres brasileiras convertidas ao Islã: o uso do *hijab*, as alterações que se deram nos seus círculos sociais no momento pós conversão e a sua relação com os espaços públicos. Dividimos a análise dos resultados em três sub capítulos para que possamos demonstrar os fatores observados em cada uma das variáveis, com trechos das entrevistas que corroborem com a discussão.

Estabelecemos a ordem das variáveis como sendo: o uso da vestimenta islâmica, os círculos sociais e as relações com os espaços públicos, pois partimos do individual e íntimo (eu-para-mim-mesmo³¹), para a sociabilização reduzida e/ou controlada (o outro-para-mim) e a vida cotidiana no âmbito da cidade como um todo (eu-para-o-outro), ou seja, os resultados são apresentados seguindo uma ordem escalar.

6.1 O uso da vestimenta islâmica: 1ª variável

Ó Profeta, recomenda a tuas esposas, tuas filhas e às mulheres dos crentes que, apertem seus véus em volta delas: é mais provável que assim reconhecidas, evitando ser molestadas. Deus é perdoador e misericordioso (Alcorão, 33:59).

A primeira variável a ser analisada será a vestimenta islâmica, mais especificamente, o *hijab*. Todas as entrevistadas fazem uso contínuo do véu e durante os encontros com a pesquisadora descreveram a sua trajetória em relação a ele.

O uso do véu significa, para as mulheres, evidenciar a sua religião visualmente. A partir dessa vestimenta se deram os desdobramentos presentes no roteiro da entrevista, pelo fato de que uma mulher entre a multidão se torna muçulmana (para os outros) apenas a partir do momento que veste o *hijab*, ou seja, é o seu diferencial.

³¹ Ideia apresentada por Milton Santos no capítulo 14 – O lugar e o cotidiano, no livro “A natureza do espaço.

A começar dele é que elas constroem o seu cotidiano marcado pela religiosidade, ele as anuncia como seguidoras de *Allah* nos espaços públicos, entre suas famílias e no trabalho.

O uso do véu é uma prescrição corânica que visa a segurança da mulher contra os comentários e ações impróprios dos homens, para diferenciação das muçulmanas em relação às não muçulmanas e, no caso das brasileiras, é um marco identitário. É uma peça de vestuário que passa a incorporar suas novas identidades islâmicas, bem como seus novos nomes, comportamentos e demais fatores (BROTI, 2017).

Tanto se faz presente e necessário para que elas possam ser identificadas perante a sociedade e também entre elas mesmas, que surgem ao longo das entrevistas considerações sobre as pessoas que optam por não usá-lo: “Às vezes a gente se sente sozinha usando véu nos lugares...você não consegue identificar se tem outras muçulmanas naquele lugar, porque tem muitas que não usam o véu. (Blenda Khadija); “Eu acho difícil a gente tentar entender uma mulher muçulmana sem o *hijab*, porque ela vai ficar parecida com todas as outras. “(Aisha Mohamad). Há entre as brasileiras convertidas um esclarecimento sobre o compromisso da mulher com Deus de usar o véu e em alguns momentos elas se demonstram compreensivas com as que não o utilizam por questões específicas, mas alegam, sempre, que todas as pessoas passarão pelo juízo final e responderão sobre seus pecados a *Allah*, ou seja, apontam a ausência do *hijab* como comportamento anti islâmico.

Comumente há, na sociedade brasileira – e em todo o mundo ocidental - uma depreciação do véu islâmico. Ele é relacionado à opressão e normalmente relacionado à condição de submissão da mulher (CUNHA, 2006) e seu uso é atrelado a imposições vindas dos maridos, pais ou outro homem de seu convívio direto, mas através das entrevistas pudemos perceber que as mulheres expressam o fato de usar suas vestimentas exatamente como o oposto, ou seja, é através dele que, segundo elas, expressam a sua liberdade. Impedi-las de fazê-lo é outra forma de violência imposta pela nossa sociedade, que em nada difere nas práticas orientais julgadas opressivas (BROTI, 2017).

O conceito geral das pessoas, principalmente no Ocidente, é que nós muçulmanas somos oprimidas e escravizadas por causa da religião, mas quando você se aproxima de uma muçulmana você vai ver o contrário...ela é

livre [...] e exige a liberdade de ser muçulmana, de usar o véu que nós amamos. (Gisele)

Eu sinto orgulho das minhas roupas islâmicas [...] e muito pelo contrário do que muitas pessoas pensam, eu acho que isso é a liberdade, eu ter o direito de usar as minhas roupas [...] (Gisele)

As mulheres não apontaram o uso do *hijab* como uma imposição da religião; mencionam com muito cuidado as *suratas*³² do Alcorão – como a que foi apresentada de epígrafe neste sub capítulo – que prescrevem o uso do mesmo em suas vidas diárias, mas afirmam ter optado a vestir o véu por escolha própria e descrevem inclusive seus processos, visto que a maioria delas não o veste desde o momento da conversão:

Quando eu cheguei para fazer a minha reversão eu já sabia o que era o *hijab*. Eu sabia que não era só um lenço, só um adereço [...] o alcorão orienta o *hijab*, e quando eu decidi fazer a minha *shahadah* eu já sabia do uso dele. (Aisha Mohamad)

A princípio pra mim era difícil, porque eu não me via, né? Era uma veste muito estranha pra mim, eu me sentia particularmente estranha. Uma roupa estranha. E eu usava só pra ir na mesquita. E com o passar do tempo eu fui sentindo essa vontade...cada vez mais foi crescendo, até que um dia chegou o momento que eu senti muita vontade, de me sentir, de me mostrar...de mostrar às pessoas e ao mundo que eu estava diferente, que eu tinha um novo conceito de fé e de religião, e então vesti o *hijab*. (Célia)

Na fala de Célia podemos ver com clareza esse “estranhamento” causado por uma vestimenta que, de acordo com as próprias entrevistadas, não faz parte do vestuário e da cultura brasileira e essa seria a razão de passarem por um processo de aceitação à nova imagem e também de entender os olhares curiosos dos brasileiros não muçulmanos.

No começo é muito estranho, eu costumo dizer que nós nos sentimos como ETs (risos). A impressão que nós temos é que todas as pessoas estão nos olhando e ao mesmo momento, então você se sente cercado [...] indefeso e na defensiva, por causa disso. (Yara)

³² Nome dado aos capítulos do Alcorão Sagrado.

Quando eu me converti ao Islã eu me planejei pra que eu adotasse a vestimenta islâmica de uma maneira mais natural, sem forçar a mim, sem agredir o meu costume...gradualmente e naturalmente eu fui adaptando o meu guarda-roupa, o meu comportamento e o meu modo de vestir à roupa islâmica. (Gisele)

As pessoas olham porque é diferente...talvez não seja condenando [...] acho que olham mais porque pra eles é uma coisa diferente, é estranha...aqui no nosso país [...] mas não me incomoda, eu prefiro pensar que eles estão olhando porque estão vendo um diferencial em mim, um diferencial positivo. (Célia)

Pra mim é natural...as reações das pessoas, porque não é uma vestimenta nossa, né? (Aisha Mohamad)

Eu sempre sou o centro das atenções (risos)...eu uso *niqab* no Brasil, véu integral, só os olhinhos de fora...claro que onde eu estou todos olham para mim. (Gisele)

De acordo com as entrevistas o véu islâmico é, portanto, algo que as diferencia das demais mulheres na nossa sociedade; é o que as define como muçulmanas; é uma forma de identificação e muitas se referem ao *hijab* como um objeto intimamente ligado à sua identidade: “quando você usa o véu, você está representando uma coisa...você está dizendo “eu sou muçulmana (Blenda Khadija)”.

Depois de 3 meses da minha conversão a gente (eu e meu pai) se encontrou na praça [...] e quando eu o vi eu tirei o meu *hijab* e ele chorou. Ele disse “não, vista sua roupa”, e eu falei “não pai, o senhor não gosta” e ele falou “você é minha filha, vista sua roupa” [...] e aí desse dia ele passou a não implicar com o meu *hijab*, porque ele começou a entender que aquilo fazia parte da minha vida. (Aline Amina)

Algumas mulheres, ao narrarem a sua relação com o véu, pontuaram algumas palavras como “segurança” e “conforto” e uma das entrevistadas, Aline, foi além e nos trouxe a definição do termo *hijab*, tanto em seu sentido literal como em sua vida:

A palavra *hijab* significa barreira, então é a barreira dos outros para comigo. Eles só vão olhar o que eu deixar olhar e só vão olhar se merecerem [...] quem tem agora o direito de me olhar sem o *hijab* são os meus homens lícitos: filhos, pais, marido...e quem não paga a minha conta não precisa me ver. Eu não sou carne de açougue e eu não sou mercadoria. Então agora eu me cubro. E pra mim é bem isso...o *hijab* é a minha descolonização. Quando eu consegui entender que eu era um produto do meio [...] e agora eu não sou mais um produto do meio, eu sou um produto de mim mesma. (Aline Amina)

Esse discurso contra o que é imposto por uma sociedade patriarcal (a mídia que objetifica a mulher, roupas apertadas e outros fatores), é presente nas respostas de todas as entrevistadas e muitas revelam ter se encontrado no Islã porque passaram a ser valorizadas pelo que *são* e não pelo o que *mostram*. O Islã respeita a modéstia na vestimenta feminina e condena a ostentação (BROTI, 2017), e nas respostas das mulheres foi unânime a menção às roupas curtas e justas comumente utilizadas pela mulher brasileira e alegando que isso passou a não fazer mais sentido em suas novas vidas. Não há um julgamento aparente nas entrevistas, porém há um claro desconforto no que se refere a pessoas que se vestem de maneira diferente, ou que não guardam o recato prescrito na religião islâmica.

Além disso aparece nas respostas a importância dada a guardar-se para o marido:

Eu costumo brincar que cada dia eu estou com um cabelo diferente. E a minha beleza é pro meu marido, né? Eu nunca gostei de usar maquiagem, usava muito de vez em quando...mas hoje quando eu uso é pro meu marido e eu uso roupas especiais pra ele e isso torna o casamento mais feliz, né? [...] Mas eu acho que no Islã eles valorizam muito as mulheres, pelo menos o meu marido me valoriza muito, graças a Deus. (Roberta)

Quando questionadas sobre a questão da submissão, as entrevistadas pontuam que em um momento anterior à conversão ao Islã, elas se submetiam a coisas que “os homens” dizem – retomando mais uma vez a questão da sociedade patriarcal. Porém, agora como muçulmanas, elas são submissas a *Allah* e sua palavra, e não consideram o cobrir-se como uma censura, senão como uma recomendação divina para ter sucesso nos relacionamentos conjugais, além de permanecer em segurança.

As oito mulheres mencionaram a questão da vestimenta ao longo de suas entrevistas, mencionando sua insatisfação pessoal com a contemporaneidade (BROTI, 2017) salientando que a religião não instrui as mulheres apenas a cobrirem a cabeça, mas também a evitar roupas que mostrem as formas dos corpos, que os evidenciem demais.

A minha vestimenta mudou sim...até então eu usava calças justas, que marcavam as formas do corpo e isso começou a me incomodar após a minha reversão e eu fui mudando para ocultar um pouco as formas [...] e o objetivo era esse: ocultar para não chamar tanta a atenção de olhares masculinos. (Célia)

O Alcorão fala do recato [...] a postura da mulher muçulmana muda muito [...] o recato na roupa, porque são as orientações que a gente tem, o vestir, o cuidado com a maquiagem [...] pra mim é bem isso, o comportamento da mulher muçulmana. (Aisha Mohamad)

(O que mudou foi) Não usar mais roupa apertada, *mashAllah*³³ [...] quando eu passei a usar roupa islâmica eu comecei a notar quão desconfortável é esse tipo de roupa. (Gisele)

Eu gostava de usar vestido tubinho, minissaia acima do joelho, shorts curto para correr...então a vestimenta mudou muito. (Yara)

Percebemos, portanto, que o uso contínuo do véu (e de outras vestimentas) é o que faz com que essas mulheres se mostrem para a sociedade como muçulmanas, é o *hijab* que as identifica e as torna diferentes das outras e é através dele que essas brasileiras passam a ressignificar suas vidas e identidades. Trataremos então o *hijab* como peça fundamental ao analisarmos as outras variáveis propostas neste trabalho ao considerarmos a religiosidade como pano de fundo dos cotidianos das entrevistadas.

³³ Expressão islâmica que indica surpresa positiva, lembrando que tudo é pela vontade de *Allah*.

6.2 Os círculos sociais: 2ª variável

Ao considerarmos o Islã como uma religião que traz a seus adeptos um novo modo de vida, cabe-nos voltar a atenção aos círculos sociais ou redes³⁴ das mulheres brasileiras que aderem à religião. Para demonstrar isso, foram feitas perguntas³⁵ relacionadas a seus ambientes familiares, grupo de amigos e também no âmbito laboral (indicadores).

6.2.1 A família e os cônjuges

Muitas das entrevistadas apresentaram em seus relatos episódios ou períodos de tensões familiares após tornarem-se muçulmanas e apontaram a falta de informação como a principal razão para isso. Algumas inclusive mencionaram o papel da mídia como algo negativo uma vez que “tudo o que se vê na mídia é contra o Islã” (Blenda Khadija).

Das oito entrevistadas, seis relataram que já estavam estudando o Islã de maneira independente (e a família o sabia) por algum tempo antes de se tornarem muçulmanas, mas nem assim o choque pareceu diminuir.

A minha mãe sabia que eu estava começando a estudar o Islã porque na época eu morava com ela ainda. Num primeiro momento [...] ela me apoiou bastante e inclusive ela saiu comigo para comprar os lenços que eu usaria como *hijab*, os três primeiros. [...] Depois disso, como acabou um relacionamento da época, a minha mãe meio que se voltou contra, como se a culpa de eu ter finalizado um relacionamento fosse do Islã. Então já que eu acabei com ele (com o homem), não temos mais a intenção do casamento...então o Islã já não presta mais. Mas isso foi na concepção dela. (Yara)

³⁴ Termo usado por Milton Santos em seu livro “A natureza do espaço” – Parte II “Por uma Geografia das redes”, para se referir a um espaço reticulado social e político, ocupado por pessoas, mensagens e valores que o frequentam.

³⁵ Questões 5 a 7 do roteiro em anexo.

Com a minha família foi um processo, porque eu apareci de um dia pro outro de véu. Eles sabiam que eu estava estudando a religião mas achavam que era só uma curiosidade minha [...] Na época, assim que eu cheguei em casa de véu a minha mãe perguntou porque eu estava usando aquilo, e eu contei que tinha decidido me tornar muçulmana e a princípio ela só deu risada...mas conforme o tempo foi passando e ela foi vendo que eu iria mesmo ficar na religião...aí começaram os atritos em casa. A minha mãe sabia só o que a mídia mostrava e ela achava que eu iria perder a minha independência, que eu iria começar a ser submissa, que eu não ia mais ter voz e etc ... por diversas vezes discutimos porque ela falava que eu estava indo contra tudo aquilo que ela tinha me ensinado, contra a minha cultura... (Naina)

Num primeiro momento eu tive umas reações engraçadas. A minha filha mais velha achou que eu tinha ficado biruta (risos), mas isso durou umas duas semanas...depois ela entendeu. (Gisele)

A minha família foi a parte difícil...porque eu vinha de um processo familiar de desligamento [...] foi um período em que eu estava começando a andar um pouquinho na religião e eles tomaram aquilo de forma inexplicável [...] na minha vez eu não fui aceita, não fui ouvida, eu fui louca, estava ficando louca [...] eu senti as costas, o abandono dos meus filhos durante uns dois anos. (Aisha Mohamad)

Nos excertos apresentados acima podemos notar dois fatores importantes: o primeiro, na fala de Naina, no qual é retratada a reação da mãe, que dizia que a filha estava indo contra a sua própria cultura – ou seja, há aqui presente uma expressão do que chamamos anteriormente de arabização do Islã. A entrevistada nos narrou que a mãe não tinha nenhum conhecimento sobre a religião e só sabia que era “coisa de árabes”; o segundo fator que merece destaque é a “loucura” apresentava como fator explicativo para a conversão (observado nas falas de Gisele e Aisha).No momento em que comunicaram a sua decisão aos filhos, estes expressaram espanto e, por não entenderem o que estava acontecendo, em um primeiro instante, julgaram que suas mães estavam ficando loucas e apenas isso explicaria tamanha mudança.

Além da loucura, apareceram nas falas de outras entrevistadas a descrença da família em relação a elas agora seguirem uma religião, visto que muitas vinham de um processo de mudanças muito grande, não permanecendo por muito tempo em nenhuma linha ou crença: “[...] aí ele (o pai) perguntou quantos meses eu ia ficar nessa

religião – porque como eu fui de 8 religiões, então ele não tinha mais crença nenhuma de religião pra mim. (Aline Amina).

Além de rupturas quase completas entre familiares, uma das entrevistadas, Naina, durante seu depoimento nos contou que a sua relação com os pais e os amigos deles foi abalada e, por conta de sua religião, houve um afastamento momentâneo, até que houvesse um entendimento e respeito por parte deles, coisa que, segundo ela, passou a existir apenas a partir do momento que ela parou de discutir e passou a demonstrar o que era o Islã.

Por quase um ano eu não saía mais com os meus pais porque tinha muita piadinha [...] bastava eu estar no lugar (os amigos do meu pai) começavam a falar do meu véu, da minha vestimenta, associar o Islã ao terrorismo [...] o que me incomodava não era nem as pessoas falarem e sim os meus pais darem risada, não se posicionando e não me protegendo. (Naina)

Além da relação com seus pais e filhos, as mulheres relataram mudanças em suas vidas conjugais, sendo que as entrevistadas casadas se uniram a companheiros muçulmanos (brasileiros convertidos ao Islã, um homem sírio e outro proveniente de Bangladesh), e as que são solteiras e/ou divorciadas dão ênfase à importância de o parceiro ser muçulmano para que o relacionamento seja possível, pois consideram que se o casal tiver os mesmos valores e fé, as chances de ter um casamento de sucesso são maiores (BROTI, 2017).

A mudança foi na questão do namoro...eu até tinha um relacionamento (antes da conversão), um namoro que era uma coisa ali constante, mas a pessoa não entende o Islã, não aceita, não gosta e eu perdi a vontade de continuar com esse relacionamento e não quis iniciar nenhum outro. (Célia)

Hoje teria que ser muçulmano...se não for muçulmano, se não tiver a mesma linha de fé que eu tenho, o mesmo objetivo, pra mim não serve. (Célia)

Observamos portanto que há uma mudança significativa nos centros familiares destas mulheres, tendo a religião como ponto de tensão que obriga as relações a serem reorientadas e estabelece diálogos nunca postos anteriormente. Processos de choques e rupturas são frequentes nas respostas e, em alguns casos, a distância de

parentes de primeiro grau é justificada como algo previsto por Deus e que se justifica por uma opção por algo maior: a nova religião.

6.2.2 Os amigos

De forma geral, as mulheres entrevistadas para a realização deste trabalho relataram nunca ter tido grandes grupos de amigos, mas salientaram em seus depoimentos as mudanças ocorridas no seu entorno após tornarem-se muçulmanas.

Eu nunca tive um círculo de amigos muito grande...os amigos da época de escola continuam os mesmos, o que mudou foi [...] eles achavam que isso era uma fase, então eles achavam que logo ia passar, mas nunca passou...(Naina)

Um fator comum nas respostas das entrevistadas é a importância dos amigos se adequarem à sua nova vida e respeitarem suas decisões, desde pequenos fatores como o uso de diferentes facas e grelhas durante um churrasco para não haver contato com a carne de porco (registrado por Naina, sobre os cuidados de seus amigos) que possibilitam a manutenção destas relações, até rupturas completas por inadequação de comportamentos.

Nenhum (amigo) prevaleceu [...] os outros já não se encaixavam mais no meu modo de vida. Eu não bebo mais, eu não fumo mais, eu não vou em bar, eu não uso mais roupa curta, eu não vou mais em dançaria...não faço mais nada disso, então eu não me encaixo mais na vida deles. (Aline Amina)

Muitos amigos me bloquearam no *Facebook*, essas coisas, viram a cara pra mim quando me olham na rua...muitos, mas os verdadeiros continuam, permanecem. (Roberta)

Vamos esperar um ano...um ano e meio...uma hora isso vai acabar. Acharam que era uma fase, e aí não acabou, então meus amigos também me deram as costas. (Aisha Mohamad)

Em contrapartida, todas as mulheres registraram ter aumentado o seu grupo de amigos em algum momento após a conversão, pois passaram a ter a comunidade muçulmana como parte do seu convívio social: “Os meus amigos aumentaram...eu

tenho um monte de amigas, irmãs do Islã que eu não conhecia antes e isso foi um grupo que se agregou aos meus amigos.” (Gisele)

Há um movimento evidente entre as brasileiras que se convertem ao Islã de adaptar a sua nova religião, visão de mundo e conduta de vida a seus amigos, sejam eles os antigos ou os adquiridos em um momento pós conversão. Este fator é observado em todas as pessoas que passam a seguir uma religião específica, inclusive é apontado por algumas entrevistadas como algo que já era feito quando tinham outra fé, portanto não apresenta um grande diferencial na prática islâmica.

6.2.3 O trabalho

O trabalho torna-se fator de interesse desta pesquisa, pois ao longo das entrevistas foram mencionados casos de mulheres que se convertem ao Islã e não vestem o *hijab* (ou deixaram de vesti-lo), pois isso as impede de encontrar uma posição no mercado. O fato de que todas as entrevistadas vestem seus véus diariamente em todas as suas atividades e, ainda assim, experienciam coisas completamente diferentes no âmbito laboral, evidencia a qualidade de nossa amostragem. Algumas já trabalhavam quando se tornaram muçulmanas e não trocaram de emprego após isso, relatando uma compreensão de seus chefes e colegas de trabalho e inclusive seu apoio.

Eles (companheiros de trabalho) aceitam, eles entendem...colegas do meu setor quando ouvem o toque da oração no meu celular ajudam, dizem: “Olha, vai lá, deixa isso aí que eu faço pra você”. Existe essa colaboração dos colegas de trabalho. (Célia)

Eu não sabia se iriam aceitar (o *hijab*) nos locais de trabalho...então eu usava fora deles...usava na rua, ou em qualquer outro lugar que eu estivesse. Daí avisei os meus chefes que eu estava estudando o Islã e a partir de então [...] no dia seguinte comecei a ir de lenço, e eles aceitaram bem na época. (Yara)

Outras relatam que em algum momento o *hijab* – de certa forma – as beneficiou e lhes conferiu um diferencial positivo na hora de uma contratação.

Eu fui contratada por causa do meu *hijab*, lá em Pernambuco...porque o reitor da Universidade viu nisso uma diversidade religiosa. Ele já tinha contratado

um judeu, uma católica...mas nunca tinha contratado uma muçulmana. (Aline Amina)

Mas expressam também as dificuldades impostas pela sua escolha religiosa, mais especificamente pelo uso do véu.

Em Pernambuco eu era professora em uma Universidade Adventista e aqui em São Paulo eu não consigo emprego em canto nenhum por causa do meu *hijab*. [...] já me perguntaram em entrevista de emprego: “e o pano, a senhora tira?”, eu disse: “não, porque o pano não é descartável, ele tem a ver com a minha fé. (Aline Amina)

Uma das entrevistadas, Roberta, deixou de trabalhar como consequência da intolerância de uma de suas colegas de trabalho.

Eu trabalhava, eu era guia turística e a maioria dos meus clientes já era muçulmana, então por isso, através deles, que eu tive a curiosidade de conhecer o Islã e o meu trabalho foi super sossegado, a única vez que foi triste foi logo depois que ela nasceu (a bebê), justamente no meu trabalho...tinha uma moça que sempre me ameaçava e falava pra eu ir embora do país, mas eu sou brasileira (risos) então eu dava risada. Aí eu parei de trabalhar, esse foi o meu motivo, hoje eu sou dona de casa por causa disso. (Roberta)

No que diz respeito ao ambiente laboral podemos notar, através das respostas, que a decisão de tornar-se muçulmana e de usar o véu, pode interferir diretamente no relacionamento com os colegas, dia-a-dia no trabalho e até mesmo no fato de essas mulheres conseguirem ou não uma posição no mercado. Notamos mais uma vez que o uso do véu influencia diretamente o cotidiano das mulheres brasileiras que se convertem ao Islã, mostrando-as visualmente como “pessoas diferentes” e podendo ser critério definitivo para uma contratação.

6.3 A relação com o espaço público: 3ª variável

Esta variável é a que consideramos de maior interesse para a Geografia, pois trataremos a cidade de São Paulo como o espaço no qual se produz e reproduz o cotidiano. Para compreender este fenômeno, recorreremos à Milton Santos, que diz: “O

espaço se dá ao conjunto dos homens que nele se exercem como um conjunto de virtualidades de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada qual.” (2006, p. 216).

A afirmação apresentada acima dialoga com o presente trabalho à medida que encontramos nos depoimentos das entrevistadas diversas narrativas de trajetórias, uma vez que cada uma delas é um indivíduo e experiencia a cidade de uma maneira diferente. Porém, por fazerem parte de uma minoria religiosa na nossa sociedade disputam esse território continuamente e, inclusive, utilizam termos como “pertencimento” em seu discurso.

Para tratarmos dessa discussão, as entrevistas foram analisadas separadamente entre os excertos que discutem sobre o uso do transporte público e as relações criadas com a sociedade brasileira (os dois indicadores utilizados).

6.3.1 O transporte público

Ao estabelecer o uso do transporte público como indicador que seria avaliado neste trabalho, partimos de um pressuposto que as mulheres muçulmanas não se sentiam confortáveis nesse ambiente e, por isso, o evitavam. Apesar de relatarem alguns episódios de agressões verbais e físicas dentro de ônibus ou metrô, apenas uma das entrevistadas disse que não se sentia segura no transporte público, enquanto as outras sete o utilizam diariamente com normalidade, contrariando portanto a hipótese inicial.

É evidente que o transporte público pode ser um ambiente hostil para qualquer indivíduo, uma vez que somos expostos a pessoas desconhecidas em pequenos vagões ou ônibus sem nenhuma ou pouca chance de escapatória no caso de alguma agressão, e foi justamente ao responder as perguntas ligadas a esse tema que começaram a surgir os casos de maiores manifestações de intolerância religiosa para com as entrevistadas.

Já aconteceu de uma mulher querer pegar um pedaço de ferro e falar que eu não era daqui, que eu tinha que voltar para o meu país, sendo que eu sou brasileira. (Roberta)

Na época da faculdade [...] eu pegava ônibus para ir e para voltar todos os dias e teve uma vez que eu estava voltando da faculdade e eu estava com a

janela aberta [...] até que o ônibus parou no ponto – e eu lembro que foi logo em seguida de um dos ataques que tinha acontecido na França – e nesse momento uma pessoa que estava do lado de fora, no ponto, olhou pra mim dentro do ônibus, veio pra cima e deu um murro. Eu estava com o meu braço na janela, só que eu vi a pessoa se aproximando e fui pra dentro...só que ainda assim me acertou e ele começou a gritar do lado de fora: “muçulmana maldita, volta pro seu país! (Naina)

Já aconteceu no metrô uma vez, uma senhora bem idosa [...] daqui a pouco a senhorinha chega e puxa o meu véu...ela tentou tirar o meu véu e falou: “Menina, você é muito bonita, tira isso da sua cabeça!” [...] era uma senhora e eu não ia brigar, então eu disse que eu gostava e me sentia bonita dessa forma. (Naina)

Uma vez dentro do metrô uma mulher disse que eu era terrorista...eu fiquei sem reação. Ela achou que eu não estava entendendo o português, achou que eu era estrangeira [...] às vezes as pessoas se aproveitam disso, acham que você não está entendendo, que você é de outro país e te julgam. (Blenda Khadija)

Nos depoimentos mostrados acima podemos destacar, uma vez mais, a questão da arabização no Islã, uma vez que as mulheres foram imediatamente identificadas como árabes/estrangeiras, parecendo inconcebível que uma pessoa de *hijab* seja brasileira e fale português.

Além dos casos de agressões e intolerância, foram destacados os momentos de interação que acontecem no transporte público quando alguém se aproxima para perguntar da religião, afim de obter mais informações e compreender do que se trata: “Eu já tive a situação de eu sentar no banco e a pessoa levantar e sair [...] e já vi pessoas que vieram sentar do meu lado para pedir informação.” (Yara)

O relato de Aline (abaixo) demonstra uma mudança significativa de comportamento – motivado pela religião e seus princípios - no que diz respeito ao momento de tomar o metrô:

Eu pego o metrô quando eu saio de São Paulo (pois moro em Franco da Rocha) na Luz, e eu tenho que esperar “300 metrô”, porque se eu não for sentada eu tenho que ir no metrô onde não tá todo mundo ralando em mim. Não adianta você usar o *hijab* e entrar numa “muvuca” onde vai estar sendo “encoxada” por um monte de homens. Então eu não entro no metrô toda hora,

na hora do rush eu evito muito. [...] A mulher muçulmana tem que evitar essas coisas. (Aline Amina)

Podemos observar mais uma vez, portanto, a importância do recato feminino prescrito no Alcorão na vida diária dessas mulheres, embora esse tipo de ação seja comum entre as mulheres, independentemente de suas religiões, visando sempre seu conforto e segurança.

Todas as entrevistadas relataram a proximidade de pessoas questionando suas vestimentas e razões, muitas vezes de maneira amigável e respeitosa, afirmando inclusive já terem feito amigos nessas situações. Ou seja, as mulheres muçulmanas sempre são notadas dentro do transporte público.

(Me sinto) um mico leão dourado (risos). Porque o povo olha, o povo comenta, cochicha, o povo solta piada, o povo se incomoda, tem pessoas que saem de perto de mim. (Aline Amina)

Ao que pudemos observar, o comportamento da mulher muçulmana não difere de outras mulheres dentro do transporte público. Questões como o assédio sexual dentro de ônibus, trens e metrô são amplamente discutidas em toda a comunidade feminina e ações para evitá-las são praticadas por todas. O único fator que as diferencia das demais é, mais uma vez, o véu, pois ele as coloca em evidência, visualmente falando, tornando as muçulmanas mais suscetíveis a agressões físicas e verbais, por conta do desconhecimento da população.

6.3.2 As relações com a sociedade

Além das perguntas referentes ao transporte público as entrevistadas responderam sobre os diferentes lugares que frequentavam após a conversão ao Islã. Todas apontaram as mesquitas entre os novos lugares, dizendo inclusive que antes de conhecerem a religião não sabiam do que se tratava. Contudo, as respostas foram extremamente variadas no que diz respeito aos locais que elas pararam de frequentar. Algumas apontaram uma pequena lista de tipos de estabelecimentos e disseram que por escolhas pessoais (antes das religiosas) já não estariam ali; outras evidenciaram mais o papel da religião na sua mudança de comportamento.

Festas de aniversário...eu participava muito [...] praia, eu ia muito...churrascos. Eu deixei de ir porque em churrasco existe muita bebedeira, muito vocabulário que eu não gosto mais no meu cotidiano e eu fui aos poucos deixando de ir [...] e praia também eu deixei de ir por conta que lá, é óbvio, vai ser tudo de biquíni [...] e pra eu poder ir a uma praia como uma muçulmana usa, uma roupa mais coberta...eu não via muito sentido e também perdi a vontade. (Célia)

Se tem pessoas que bebem [...] eu já procuro nem ficar perto. Então eu não vou pra não ter que ver as pessoas bebendo. (Yara)

Algumas reuniões familiares (já não são mais confortáveis) porque alguns dos meus parentes bebem álcool [...]. Eu nunca gostei de álcool...pra mim eu sempre fui muçulmana, porque eu sempre tive atos como uma. Alguns lugares também eu não gosto de passar perto...tipo bar, não suporto passar na frente de bar. (Blenda Khadija)

Mudou os lugares que são permitidos pra mim e não são permitidos...eu posso ir a um show de capela, aberto na praça...mas eu não posso ir pra um lugar onde vai ter cigarro, maconha, bebida [...] eu não posso frequentar esse tipo de coisa. (Aline Amina)

Como visto nos quatro excertos acima as mulheres muçulmanas passaram, em sua maioria, a evitar locais onde existam pessoas consumindo álcool, uma vez que a religião prescreve o não consumo de bebidas alcólicas, mas mostram, de certa maneira, uma não tolerância aos comportamentos das pessoas que não são muçulmanas, sendo que essa deveria ser mútua.

Outras entrevistadas alegam que estar presentes no mesmo ambiente onde há o consumo de bebidas não é um problema para elas, o importante é que *elas* não estejam bebendo.

Onde eu poderia parar de ir, num barzinho? Mas e daí, as pessoas estão lá e eu estou conversando com elas...isso não quer dizer que eu esteja bebendo. Eu não bebo [...] mas eu posso sentar lá e pedir uma água, um suco e continuar lá convivendo com as pessoas, então não teve nenhum lugar que eu parei de frequentar por me tornar muçulmana. (Gisele)

Eu não me privo de ir a lugares...eu acho inclusive importante você estar ali e mostrar que o muçulmano é uma pessoa normal, tem uma vida normal,

sabe? E acaba que as pessoas passam a ter uma nova visão depois disso.
(Aisha Mohamad)

Além da questão da bebida alcóolica as entrevistadas também mostraram outras razões pelas quais deixaram de frequentar determinados tipos de lugares: o contato físico e a sensação de desconforto por ser diferente.

(Não frequento mais) casas de show, lugares onde tem multidão, eu prefiro não frequentar [...] mas vou com meus filhos para praças, pra parques...
(Aline Amina)

Eu nunca fui de frequentar muita balada, mas eu ia com os meus amigos, barzinho...então esse tipo de lugar me causa certo desconforto porque eu sou a única diferente, eu não me sinto bem. (Naina)

É recorrente encontrar ao longo das respostas das entrevistas menções ao estranhamento da sociedade brasileira ao avistar uma mulher vestindo o *hijab*. Como pudemos observar no subcapítulo sobre os transportes públicos, essas mulheres são sempre notadas, mas nem sempre de maneira negativa, ocorrendo diversos relatos positivos e cômicos de seus cotidianos.

Teve um dia que eu fui no shopping e pediram para tirar uma foto comigo...parecia que eu era uma alienígena. Eu entendo, porque é diferente e as pessoas não entendem...mas é isso o que eu gosto, eu gosto que as pessoas tenham curiosidade e me perguntem, ao invés de julgar ou tirar qualquer conclusão. (Naina)

As pessoas olham muito pra mim...a minha amiga até mesmo fala que quando ela vai sair comigo ela tem que se arrumar mais, porque todo mundo vai olhar pra ela também (risos). (Naina)

As mulheres que citaram essas aproximações curiosas, porém, respeitosas, disseram-se felizes em poder contribuir para o conhecimento dessas pessoas sobre o Islã, uma vez que isso também forma parte da prescrição corânica sobre a *dawah*.

O que podemos notar nesta variável é que as muçulmanas, como todas as outras mulheres, têm suas precauções relacionadas à segurança própria no transporte público e a sua relação com a sociedade de um modo geral é diferenciada

apenas porque são apontadas como árabes ou estrangeiras, devido ao uso do véu, despertando portanto a curiosidade das pessoas, ora sendo pacífica e respeitosa, ora agressiva, fruto de um desconhecimento da população.

6.4 Outras questões relevantes

Como mencionado nas seções introdutórias deste presente trabalho, não nos ocupamos em descrever ou tratar das tensões existentes dentro das mesquitas entre as mulheres muçulmanas árabes e as brasileiras convertidas, porém cabe mencionarmos que este foi um tópico muito tocado por todas as entrevistadas – ainda que não houvesse nenhuma pergunta sobre isso no roteiro das entrevistas. Por isso, consideramos importante adicionar este pequeno subcapítulo sobre essa temática, uma vez que este é um fator que também influencia a vida religiosa cotidiana dessas mulheres, já que algumas delas deixaram de frequentar mesquitas específicas, por exemplo, por não se sentirem confortáveis.

Eu vim (de Pernambuco) pra São Paulo na tentativa de dar uma escola islâmica pros meus filhos, e aqui eu encontrei uma comunidade elitista, separatista, que dá muito mais valor ao nascido na religião [...] do que um brasileiro. Existe uma etnicidade árabe fortíssima em São Paulo (não no Islã). (Aline Amina)

Isso (discriminação das brasileiras revertidas pelas árabes) é totalmente anti-islâmico e no entanto eu vi isso o tempo todo [...] é como se “ah, eu sou árabe então eu sou dona do Islã, você é brasileira então você não sabe nada” e muitas vezes é o contrário. (Gisele)

Além de um tom de arabização da religião, dá-se também muita importância aos fatores culturais, já que essas mulheres que se tornam muçulmanas seguem sendo confundidas com estrangeiras por serem seguidoras do Islã e vestirem o *hijab* e, portanto, muitas delas sentiram a necessidade de evidenciar a sua identidade cultural: “Eu oro em árabe, mas eu falo português porque estou no Brasil.” (Aline Amina)

A minha cultura permanece em mim. Eu não posso ir para os lugares, mas eu tenho disco de maracatu em casa, a gente escuta maracatu, caboclinho,

maculelê...meus filhos dançam maculelê, continuam jogando capoeira, porque a cultura permanece, você só modifica e tira as coisas que tem de ruim na cultura, mas ela é a sua e você tem que valorizar. E eu valorizo muito a minha cultura brasileira. (Aline Amina)

Para mim usar o *hijab* é uma forma [...] de divulgação. As pessoas costumam achar que apenas árabes são muçulmanos [...] então é uma forma de que mostrar para as pessoas que sim, é possível uma mulher de véu, ser muçulmana e não ser árabe. (Naina)

Vou frisar que não tenho nenhuma ascendência árabe, sou muçulmana, pratico a religião [...] essa história de que ser muçulmano é igual a ser árabe tem que ser desconstruída. (Naina)

Ao contrário do que foi encontrado em outros trabalhos realizados anteriormente³⁶, não há indícios de que as mulheres entrevistadas para essa pesquisa tendem a se desculturalizar³⁷ e buscar uma aproximação à arabização, justificando inclusive a mudança de seus nomes – em alguns casos – para nomes *islâmicos* e não *árabes*.

7. Um paralelo com os migrantes de Milton Santos

Para que pudéssemos compreender o que a religiosidade representa no cotidiano das mulheres que se convertem ao Islã, utilizamos o sub capítulo chamado “Os migrantes no lugar: da memória à descoberta”. Fizemos um paralelo da conversão religiosa com a migração para outros lugares, tratando as mulheres entrevistadas como os migrantes descritos por Santos. Ele diz:

Digamos que o passado é um outro lugar, ou, ainda melhor, num outro lugar. No lugar novo, o passado não está; é mister encarar o futuro: perplexidade primeiro, mas, em seguida, necessidade de orientação. Para os migrantes, a memória é inútil. Trazem consigo todo um cabedal de lembranças e experiências criado em função de outro meio, e que de pouco lhes serve para

³⁶ Como o de Mônica Broti (2017).

³⁷ “Os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes. Mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as ideias. Tudo voa. Daí a ideia de *desterritorialização*. Desterritorialização é, frequentemente, uma outra palavra para significar estranhamento, que é, também, desculturização. (Milton Santos, 2006, p. 222).

a luta cotidiana. Precisam criar uma terceira via de entendimento da cidade. Suas experiências vividas ficaram para trás e nova residência obriga a novas experiências. (SANTOS, Milton, 2016, p.223)

No nosso trabalho o passado num outro lugar diz respeito à vida dessas mulheres antes da conversão ao Islã e Milton nos traz uma reflexão de grande valor no que diz respeito às novas impressões e reações causadas pelo presente momento. Essas mulheres após tornarem-se muçulmanas perdem seus valores e crenças prévios e se veem em um novo meio, onde o que antes sabiam de religião e conduta de vida não mais tem espaço ou utilidade. Ressignificam-se a partir do novo ambiente (dentro do Islã) que as obriga a passar por novas experiências, ainda que o *loco* onde isso ocorra seja o mesmo: a cidade de São Paulo. Passam, portanto, a vivenciar uma migração identitária que se reflete continuamente em seu cotidiano.

Ele continua:

O novo meio ambiente opera como uma espécie de detonador. Sua relação com o novo morador se manifesta dialeticamente como territorialidade nova e cultura nova, que interferem reciprocamente, mudando-se paralelamente territorialidade e cultura; e mudando o homem. Quando essa síntese é percebida, o processo de alienação vai cedendo ao processo de integração e de entendimento, e o indivíduo recupera a parte do seu ser que parecia perdida. (SANTOS, Milton, 2016, p.223)

Neste excerto podemos observar que Milton descreve uma relação dialética entre o indivíduo, o migrante, e o seu novo meio à medida que o ambiente contém em si uma nova cultura e territorialidade (lembremo-nos aqui das nossa entrevistadas relatando que passaram a frequentar mesquitas, locais que antes lhes eram completamente alheios e também do fato de o Islã ser uma religião que possui suas orações em árabe, por exemplo), mas os novos adeptos da religião (os migrantes) também trazem suas concepções de vida anteriores, suas culturas e territorialidades e ambos se afetam e se modificam reciprocamente, ou seja, as mesquitas que há décadas eram frequentadas apenas por imigrantes árabes hoje atendem uma grande quantidade de brasileiros convertidos, escuta-se o português entre suas paredes, enquanto observamos os fiéis fazendo suas orações em árabe, modificando suas vestimentas e utilizando palavras como *Insha'Allah* (se Deus quiser) ou *AlhamduliAllah* (graças a Deus) em seus vocabulários. A partir do momento em que

toma-se consciência deste processo, há uma resignificação identitária, em que os indivíduos não negam e esquecem tudo o que trouxeram com eles, mas sim adaptam à nova realidade e ao novo meio (retomemos o trecho da entrevista de Aline Amina quando ela descreve que tem muito orgulho de sua cultura brasileira, mas que separou o que era “ruim” dela e tirou de seu cotidiano).

É notório, portanto, que as mulheres que entrevistamos são migrantes religiosas, e que em nada diferem de qualquer outra pessoa que muda de lugar, de concepção, de modo de vida e visões de mundo. Elas se modificam por influência do seu entorno, mas também são agentes modificadores no cenário islâmico. Sendo assim, modelam e adaptam suas vestimentas, círculos sociais e relações com o espaço público de acordo com o que passa a ser o mais importante em suas vidas: a nova fé.

8. Considerações finais

O objetivo estabelecido para esta pesquisa era identificar as alterações nos cotidianos das mulheres brasileiras que se convertem ao Islã, através de uma descrição analítica dos impactos dessa religiosidade em suas vidas. Partíamos de uma hipótese de que a religião islâmica molda a vida de seus seguidores, e que eles são alvos de curiosidade constante por parte da sociedade brasileira, já que se vestem de maneira diferente, oram em árabe cinco vezes ao dia e estão representados na mídia quase sempre de maneira negativa.

Os resultados foram discutidos de acordo com cada uma das variáveis e seus indicadores. A primeira foi o uso do *hijab* e as respostas das entrevistadas corroboraram o que tínhamos como hipótese neste trabalho, que era o fato de que cobrir a cabeça com o véu faz com que essas mulheres sejam mais notadas na sociedade. A vestimenta islâmica é um fator que permeia todos os outros âmbitos da vida da muçulmana (como vimos ao analisar as outras variáveis propostas), pois é através dele que ela *mostra* a sua fé.

A segunda variável analisada foi o círculo social das mulheres e, utilizamos na discussão três indicadores: a família e os cônjuges, os amigos e o trabalho. Pudemos observar comportamentos sendo modificados na sua vida conjugal, uma vez que aparece no discurso das muçulmanas a importância de ter um marido que possua a mesma fé. Os amigos são alterados à medida que há uma mudança na vida social

como um todo, buscando sempre uma adaptação aos preceitos do Islã. Por isso, as mulheres, muitas vezes, deixam seus grupos de amigos, visando sempre estar com pessoas que tenham o mesmo estilo de vida. No que diz respeito ao trabalho, há uma alteração significativa na vida das entrevistadas, pois muitas passam a ser alvo de preconceitos por colegas e têm dificuldades em conseguir uma nova posição no mercado.

Os resultados obtidos a partir dos dois primeiros indicadores não são exclusividade de muçulmanos, dado que diversas mulheres seguidoras de outras religiões teriam os mesmos posicionamentos, mas a grande modificação ligada à prática do Islã está no que se refere ao trabalho, uma vez que foram narrados episódios de intolerância nos momentos de uma contratação e também no dia-a-dia, devido ao uso do véu. Mesmo nos casos em que não houve nenhuma retaliação no ambiente laboral, há notáveis mudanças, como por exemplo interromper o expediente durante as orações diárias.

A terceira e última variável discutida neste trabalho foi a relação das muçulmanas com o espaço público. Os dois indicadores utilizados foram o transporte público e as relações com a sociedade brasileira. Tínhamos a hipótese de que as mulheres convertidas não se sentiam confortáveis ao utilizar ônibus, trens e metrô na cidade de São Paulo, porém as entrevistas nos mostraram que isso faz parte das atividades diárias das muçulmanas e os relatos relacionados à discriminação estavam sempre ligados ao *hijab*, ou seja, o transporte público é tão incômodo para elas como para outras mulheres, mas, uma vez mais, o que as diferencia é o véu. As relações com a sociedade são alteradas apenas no que diz respeito aos lugares que elas deixam de frequentar, fator que também pode ser observado entre seguidores de outras religiões. Além disso foram mencionadas aproximações de estranhos que demonstravam curiosidade sobre a sua vestimenta, outra vez um reflexo do uso do *hijab*.

As respostas que obtivemos das entrevistadas nos levam a uma reflexão maior no contexto religioso: o cotidiano de uma muçulmana em quase nada se difere de o de uma seguidora de outra religião, já que todas elas trazem em si um modelo de conduta para a vida de seus adeptos, perpassando por questões como a vestimenta e o recato, o que fazer ou não com seus corpos e demais fatores mencionados ao longo da pesquisa.

É notório que há uma diferença que se evidencia através do uso do *hijab* (elemento que não está presente em outras religiões) e ao analisarmos as grandes mudanças ocorridas nas vidas das mulheres sempre retornávamos a ele. O véu é o que identifica a mulher muçulmana, o que atrai para elas as atenções, comentários e perguntas, e por isso ele esteve presente em todas as variáveis que analisamos.

As visitas constantes à mesquitas realizadas no último ano e meio (antes e durante da pesquisa) fizeram com que as hipóteses levantadas fossem muito condizentes com a realidade, mas fez-se necessário um estudo detalhado para que fossem coletados depoimentos de uma amostragem diversificada e relevante para podermos estabelecer relações concretas entre os indicadores analisados.

Apesar de demonstrarmos todas as alterações que buscávamos evidenciar, deparamo-nos, ao final, com o fato de que talvez qualquer grupo religioso que tivesse sido estudado (sempre considerando as mesmas variáveis), tivesse mostrado os mesmos resultados, ou seja, os cotidianos de seus adeptos se modificariam da mesma forma. Seria de extremo interesse e importância que esta pesquisa pudesse ser continuada nesse sentido, buscando estabelecer uma comparação entre as alterações nas vidas dos seguidores do Islã e de outras crenças.

Consideramos, portanto, que este trabalho cumpriu com os seus objetivos gerais e específicos de identificar e analisar as mudanças feitas nos cotidianos das brasileiras muçulmanas, tendo o Islã como fator modificador de suas vidas e identidades, porém deparamo-nos com uma realidade que poderia ter sido observada também em outros cenários religiosos.

Referências Bibliográficas

ATTANTAWI, A. **Apresentação geral da religião do Islã**. São Paulo, Orgrafic, s/d.

BAALBAKI, E. H. **A minoria islâmica brasileira**. São Bernardo do Campo, Edição Revista Arrissala (A missão), sepatada, s/d.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Entrevista a Benedeto Vecchi, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

BROTI, M. P. **O encontro entre o feminino brasileiro e o islam**: Caminhos e desencontros. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em educação, arte e história da cultura. Centro de educação, filosofia e teologia. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017.

CUNHA, F. O. B. **Véus sobre a rua Halfeld**: Um estudo sobre as mulheres muçulmanas da mesquita de Juiz de Fora e o uso do véu. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Ciência da Religião. Instituto de Ciências humanas e letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2006.

DEMARTINI, Z. B. F. **Trabalhando com relatos orais**: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa. In: LANG, Alice Beatriz (org). Reflexões sobre a pesquisa sociológica. São Paulo, FFLCH/CERU, 1992. (Coleção Textos. Série 2, (3):42-60.

DUARTE, A. **Negros muçulmanos nas Alagoas**: os malês. Maceió, Caetés, 1958.

FARAH, P. D. E. **Árabes e descendentes no Brasil**: das primeiras presenças no país à renovação cultural na América do Sul. In: FARAH, P. D. (org.). Presença árabe na América do Sul. São Paulo, BibliASPA, 2010.

FARAH, P. D. E. **Deleite do estrangeiro em tudo o que é espantoso e maravilhoso**: estudo de um relato de viagem bagdali. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. (Tradução, notas, prefácio, texto analítico e transposição do manuscrito).

FERREIRA, F. C. B.. **Mais de mil e uma noites de experiência etnográfica:** uma construção metodológica para pesquisadores-*performers* da religião, *Etnográfica* [Online], vol. 13 (2) | Online desde 16 Maio 2012, consultado em 02 Novembro 2017. URL: <http://etnografica.revues.org/1166> ; DOI : 10.4000/etnografica.1166, 2009.

FERREIRA, F. C. B. (org.). **Olhares femininos sobre o Islã:** etnografias, metodologias e imagens. São Paulo, Aderaldo & Rothschild Editores Ltda., 2010.

FERREIRA, F. C. B. **Redes islâmicas no Brasil:** nascidos muçulmanos e revertidos. Revista Litteris, nº3, p.1-27, nov. 2009

FERREIRA, F. C. B. **Porque eu não sou muçulmana** – reflexões sobre o trabalho de campo entre os muçulmanos em São Paulo. Relações de gênero, feminismo e subjetividades. ST 33, São Paulo, 2009.

FREYRE, G. **Casa-grande e Senzala.** 20. Ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1980

FURTADO, J. **Os brasileiros convertidos ao Islã.** Revista Isto É, n.1978, 26 set.2007, disponível em: www.istoe.com.br/reportagens/3302_OS+BRASILEIROS+CONVERTIDOS+AO+ISL
A. Acesso em: 04 abril, 2018

GATTAZ, A. **Do Líbano ao Brasil:** História oral de imigrantes. 2ª edição. Salvador: Editora Pontocom, 2012.

GUIMARÃES, G. T. D. **O não cotidiano do cotidiano,** em Aspectos da teoria do cotidiano: Agnes Heller em perspectiva, Porto Alegre, 2002

HERVIEU-LÉGER, D. **O peregrino e o convertido:** a religião em movimento. Petrópolis, Vozes, 2008

HOBSBAWM, E. **A Era dos Impérios:** 1875-1914. 17ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014

LIMA, C. R. **Reversão ao Islã no consumo de bens simbólicos**. Cademus Cero, v.26, n.1, 2016

MACHADO, B. O islam em perspectiva. In: SILVA, E. M. (org.). **Religião e sociedade na América Latina**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010, p.73-91.

MARIZ, C.; OLIVEIRA, V.P. de. **A adesão ao Islã**: o discurso de ruptura e da continuidade. Revista ANTHROPOLOGICAS, Ano 18, 25(1): 78 – 106, 2014

MARQUES, V. L. M. **Conversão ao Islã**. O olhar brasileiro, a construção de novas identidades e o retorno à tradição. 2000. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) PUC, São Paulo, 2000.

MARQUES, V. L. M. **Conversão ao Islã no Brasil** – Diferenças étnicas e a construção de novas identidades. Lusotopie, XIV (1), 2007, 289 – 303.

MARQUES, V. L. M. **Convertidos ao Islã**: brasileiros e portugueses. Horizonte, Belo Horizonte, v.8, n. 17, p.125 – 145, abr./jun. 2010

MARQUES, V. L. M. **O Islã no Brasil**: Um estudo comparado. Fórum de Pesquisa: O Islã na contemporaneidade: Perspectivas Identitárias / Alteridades, migratórias e percepções do sensível. 26ª. RBA, junho, 2008

OSMAN, S. A. **Caminhos da imigração árabe em São Paulo**: história oral de vida familiar. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, FFLCH/USP, 1998.

OSMAN, S. A. **Migrações do Passado e do Presente**: uma análise cruzando gênero, etnicidade e preconceitos. 2007, USP, São Paulo, 2007.

OSMAN, S. A. **Perspectivas identitárias na comunidade Líbano-brasileira**. 2008, São Paulo, 2008.

PINTO, P.G.H.R. **Ritual, etnicidade e identidade religiosa nas comunidades muçulmanas no Brasil.** Revista USP, São Paulo, n.67, p.228-250, set.-nov. 2005.

RAMOS, A. **Introdução à antropologia brasileira.** 2. Ed. Rio de Janeiro. Casa do Estudante do Brasil, 1951 v.1.

RIBEIRO, L. M. P. **A Implantação e o crescimento do Islã no Brasil.** Estudos de Religião, v. 26, n.43, 106 – 135, 2012

SANTOS, M. **A natureza do espaço** – Capítulo 14: O lugar e o cotidiano. 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006

TRUZZI, O. M. S. **Patrícios:** Sírios e Libaneses em São Paulo. Brasil: Unesp, 2009.

VENTURI, L. A. B. (Org.). **Geografia** : Práticas de campo, laboratório e sala de aula. São Paulo: Sarandi, 2011.

Apêndices

Roteiro semi estruturado das entrevistas:

Além de informações de apresentação como nome, idade, profissão e ano de conversão, algumas perguntas³⁸ foram feitas de modo a guiar as entrevistas para que pudéssemos obter respostas satisfatórias para as variáveis que escolhemos analisar.

Perguntas referentes à variável 1 (o uso da vestimenta islâmica):

- 1) Você usa o *hijab* em todos os momentos ou apenas nas orações e dentro das mesquitas?
- 2) Você se sente obrigada pela religião a usar o *hijab* ou é uma escolha própria?
- 3) Como você se sente – vestindo o *hijab* – em espaços públicos (de maioria não muçulmana)?

Perguntas referentes à variável 2 (círculos sociais):

- 4) Como foi para a sua família quando você tomou a decisão da sua conversão?
- 5) E com os seus amigos? Você ainda possui os mesmos após a decisão da conversão?
- 6) Como foi no seu trabalho? Você tem (ou teve) liberdade para fazer as orações?

Perguntas referentes à variável 3 (relação com o espaço público):

- 7) Você se sente confortável para utilizar meios de transporte coletivo para realizar os seus deslocamentos diários em São Paulo?
- 8) Como uma muçulmana convertida, há algum lugar que você frequentava antes e agora não se sente mais bem-vinda ou confortável? Por que?
- 9) Há lugares novos que você passou a frequentar após a conversão? Por que?

³⁸ É importante citar que essas não foram as únicas perguntas realizadas durante as entrevistas, porém foram as mais importantes devido à sua ligação direta com as variáveis que foram escolhidas para serem analisadas neste trabalho. As conversas foram semi estruturadas, ou seja, tanto a entrevistadora como as entrevistadas tiveram liberdade para abordar outros temas, como por exemplo as razões das conversões.

10) Você frequenta regularmente alguma mesquita ou centro islâmico? Qual?

